

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE ESTUDO DE LINGUAGEM - IEL
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA

ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA LAKLÃNÕ (XOKLENG) “JÊ”

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Lingüística pelo IEL na
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

ACADÊMICO: NANBLÁ GAKRAN

Campinas, 2005

BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO
COLEÇÃO
UNICAMP

Este exemplar e a redação final da tese
delembada por Nanblá
Gakran
aprovada pela Comissão de Pós-graduação em
27/10/2005.
William R. D'Angelis

Nº CHAMADA	
T/UNICAMP	
G129a	
V	EX
TOMBO BC/ 66183	
PROC. (6-P-00086-25)	
C <input type="checkbox"/>	D <input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO 11,00	
DATA 09/11/05	
Nº CPD	

BIB ID. 323009

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

G129a	<p>Gakran, Nanblá. Aspectos morfossintáticos da língua laklãnõ (Xorleng) "Jê" / Nanblá Gakran. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.</p> <p>Orientador : Prof Dr Wilmar da Rocha D'Angelis. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Índios. 2. Língua laklãnõ. I. D'Angelis, Wilmar, 1957-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">(tjj/iel)</p>
-------	---

Título em inglês: Morfosyntactics aspects of language laklãnõ (Xokleng) "Jê".

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Indians, Laklãnõ language.

Área de concentração: Língua Indígena.

Titulação: Mestrado.

Banca examinadora: Prof. Dr. Angel Corbera Mori, Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues, Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco (suplente), Profª. Drª. Ana Suely Arruda Câmara Cabral (suplente) e Profª. Drª. Lucy Seki (suplente).

Data da defesa: 29/08/2005.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE ESTUDO DE LINGUAGEM - IEL
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA

ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA LAKLÃNÕ (XOKLENG) "JÊ"

NANBLÁ GAKRAN

A presente Dissertação foi aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Linguística, no Programa de Mestrado em Linguística do Instituto de Estudo da Linguagem - IEL da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Campinas, agosto 2005.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis Wilmar R. D'Angelis
Presidente - Orientador

Prof. Dr. Angel Corbera Mori (UNICAMP) _____
Examinador

Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues (UnB) _____
Examinador

Suplentes:

Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco (USP) _____

Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (UnB) _____

Profa. Dra. Lucy Seki (UNICAMP) _____

01842500
200524810

AGRADECIMENTOS

O trabalho acadêmico é resultado de muitos esforços que, aliados ao incentivo, preocupação, apoio, sugestões, estímulos, conselhos e confiança de muitas pessoas se concretiza; é a tradução de tudo isso. Dessa forma, eu gostaria de agradecer às pessoas que, de uma forma ou outra, trilharam comigo esta caminhada até aqui.

Quero inicialmente agradecer a Deus, pela graça, força, coragem e, principalmente, pela vida que Ele me deu até hoje. Em especial aos meus três queridos filhos: Kuzug, Txulin e Txulunh, pela força que me deram e principalmente à Pâmela, que nos cuidou durante este período. Para minha querida mamãe, Conheço, quero expressar a gratidão, pela sua generosidade, carinho, compreensão, estímulo e exemplo.

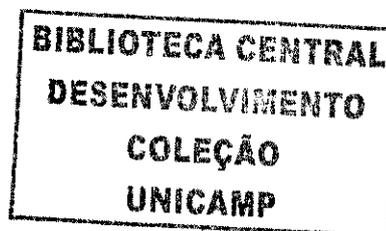
Ao meu querido e saudoso papai, Kuzug Gakran e aos meus inesquecíveis avós, Kānhāhá e Nāg, que na sua simplicidade me incentivaram com seus exemplos, quando eram mais jovens; suas memórias ainda vivem no meu coração.

Aos colegas do curso, pelo companheirismo e amizade nos momentos difíceis e de alguns desentendimentos, mas que me suportaram e isso me fez crescer durante o curso. Em especial ao um grande amigo Renato Rezende pela sua generosidade em auxiliar-me nos textos em inglês. À querida amiga Ilda de Souza, que sempre me apoiou nos momentos mais difíceis da minha caminhada, sempre tentou me ajudar com uma palavra amiga.

À Pastora Cledes Markus, do COMIN – IECLB, pelo seu apoio como pessoa e enquanto membro desta entidade.

Ao amigo Pastor Reginaldo e esposa Doralice, pelo seu incentivo e apoio em todos os sentidos. A um grande amigo, Professor Mário Alexandre, de Belo Horizonte, pela sua amizade. Em especial a um inesquecível amigo Adalberto Codeco de Ribeirão Preto/ SP, pela sua amizade e suas palavras amigas.

A todos os professores, docentes do curso, que trilharam junto minha caminhada e que, de uma forma ou outra, sempre me apoiaram, principalmente a Prof^a Dr^a Maria Filomena Spatti Sândalo.



Ao meu orientador, Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis em fornecer ajuda, pelos ensinamentos através do crescente aperfeiçoamento de meu trabalho, paciência, serenidade, competência e amizade.

Ao demais amigos e amigas, simpatizantes da causa indígena, que acreditaram em mim, e de um jeito ou outro me apoiaram.

À toda comunidade indígena Laklãnõ (Xokleng) pelo seu apoio direto e indireto, e também pela confiança que depositaram na minha pessoa. Em especial a todas as pessoas entrevistadas, que contribuíram com as informações para que este trabalho pudesse se concretizar.

Também meu agradecimento à Ford Foundation International Fellowships Program e seus funcionários, que depositaram sua confiança na minha pessoa, fornecendo-me uma bolsa durante o curso. Em especial à Maria Luiza, da Fundação Carlos Chagas.

E por fim, mas não menos que o primeiro, em especial ao meu grande amigo Dorval e Terezinha, sua irmã, que acreditaram na minha capacidade e investiram no meu crescimento. Graças à generosidade deles cheguei até aqui.

ÍNDICE

	AGRADECIMENTOS	
	Lista das Abreviaturas	VIII
	RESUMO E ABSTRACT	IX
I	APRESENTAÇÃO	10
II	A LINGUA LAKLÃNÕ E SEUS FALANTES	
	1. <i>O povo Laklãnõ (Xokleng)</i>	12
	1.1. <i>Breve história do nome Xokleng e seus sentidos</i>	12
	1.2. <i>A localização geográfico da Terra Indígena do Povo Laklãnõ</i>	15
	1.3. <i>Organização Social Atual</i>	16
	1.4. <i>Dados Históricos</i>	17
	1.4.1. <i>Território Histórico dos Laklãnõ</i>	19
	1.4.2. <i>“Pacificação” dos Laklãnõ e suas conseqüências</i>	20
	1.5. <i>Organização Social e Política pré-contato</i>	22
	1.5.1. <i>O Ritual de Iniciação das Crianças</i>	23
	1.5.2. <i>Cosmologia dos Laklãnõ</i>	24
	1.5.3. <i>Kujá ou Xamã Pós-Contato</i>	24
	1.5.4. <i>O Artesanato e a Cerâmica dos Laklãnõ</i>	25
	1.6. <i>Alterações na Cultura dos Laklãnõ: Alguns Aspectos</i>	25
	1.7. <i>Preocupação do Povo Laklãnõ para Recuperar seus Costumes</i>	27
III	APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	29
	1. <i>Objetivo e Motivação deste trabalho</i>	29
	2. <i>Corpus</i>	29
	2.a. <i>Os Informantes</i>	30
	2.b. <i>A Metodologia e a Construção do Corpus</i>	31
IV	INFORMAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A LINGUA LAKLÃNÕ	33
	1. <i>Fonologia e Ortografia</i>	33
	1.1. <i>Quadro Fonológico das Consoantes em Laklãnõ</i>	34
	1.2. <i>Quadro Fonológico das Vogais em Laklãnõ</i>	34
	1.3. <i>Quadro Ortográfico da língua Laklãnõ: Consoantes</i>	35
	1.4. <i>Quadro Ortográfico da língua Laklãnõ: Vogais</i>	37

	2. <i>Nomes e Verbos</i>	38
	3. <i>Pronomes</i>	42
	3.1. <i>Quadro dos Pronomes</i>	42
	4. <i>Estrutura do Sintagma Nominal</i>	45
	5. <i>Artigos</i>	46
V	A ORDEM DOS CONSTITUINTES NA ORAÇÃO	48
	1. <i>Oração Independente Intransitiva</i>	48
	1.1 <i>Ordem das Orações Intransitivas</i>	48
	2. <i>Oração Independente Transitiva</i>	54
	2.a) <i>Transitiva Direta</i>	54
	2.b) <i>Bitransitiva</i>	58
	3. <i>Sentenças Compostas</i>	64
VI	MARCAS DE SUJEITO	68
VII	MARCAS DE ASPECTO	85
	1. <i>Mũ</i>	85
	2. <i>Tẽ</i>	89
	3. <i>Nõ, Nẽ, Jã</i>	91
	4. <i>Nõdẽ</i>	94
	5. <i>Kó</i>	95
	6. <i>Vã</i>	99
VIII	CONCLUSÃO	103
IX	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104
X	ANEXOS	107
	Anexo 01	108
	Anexo 02	116
	Anexo 03	119
	Anexo 04	120

ABREVIATURAS

INSTITUIÇÕES

COMIN – Conselho de Missões entre Índios

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

SPI - Serviço de Proteção aos Índios

NOMENCLATURA GRAMATICAL

ADV – Advérbio

Adj-Adv – Adjunto Adverbial

Art - Artigo

ASP – Aspecto

CJ – Conjunção

FUT – Futuro

GF – Gênero Feminino

INDEF – Pronome Indefinido

INTERR – Partícula Interrogativa

Lit - Literalmente

Loc-Adv – Locução Adverbial.

MS – Marca de Sujeito

OD – Objeto Direto

OI – Objeto Indireto

PASS – Passado

POSP – Posposição

S – Sujeito

T – Tempo

V – Verbo

RESUMO

Esta dissertação apresenta o resultado de uma descrição morfossintática sobre a língua Laklãnõ (Xokleng). O povo homônimo, falante do Laklãnõ, encontra-se somente no Estado de Santa Catarina (Sul do Brasil), na única área indígena desta etnia existente no país. Sua terra é conhecida como Terra Indígena Laklãnõ – Ibirama, e está localizada parcialmente em quatro municípios catarinenses: José Boiteux, Vitor Meireles, Doutor Pedrinho e Itaiópolis. A língua Laklãnõ pertence à família Jê, do tronco lingüístico Macro-Jê, e partilha traços gramaticais com as demais línguas que compõem aquela família. A presente dissertação apresenta algumas informações preliminares e gerais sobre a fonologia e sintaxe da língua para, então, realizar a descrição de alguns aspectos morfossintáticos. Dentre os aspectos descritos, focalizam-se as classes de palavras (nome, verbo, pronome e artigo) e a ordem dos constituintes nas orações independentes. Com relação à ordem nas orações independentes, foram analisadas orações intransitivas, transitivas diretas e bitransitivas. Por essa análise, propõe-se que a ordem básica da oração assertiva em Laklãnõ é SOV. Porém, mesmo nas assertivas essa estrutura pode variar, deslocando-se o sujeito, mas nunca mudando a posição do objeto direto em relação ao verbo. Realizou-se também um levantamento preliminar para mostrar as relações sintático-semânticas entre as marcas de Sujeito e as marcas de Aspecto.

ABSTRACT

This dissertation presents the result of a morfosyntactic description on the Laklãnõ (Xokleng) language. The people homonym, speaker of the Laklãnõ, only meets in the State of Santa Catarina (Southern Brazil), in the only territorial area of this ethnic group in the country. Its land is known as Indigenous Land Laklãnõ - Ibirama, and is located partially in four municipalities: José Boiteux, Vitor Meireles, Doutor Pedrinho, and Itaiópolis. The Laklãnõ language belongs to the linguistic family Jê, of the Macro-Jê stock, and have grammatical traces in common with another languages that compose this family. This dissertation presents some preliminary and general information on the Phonology and Syntax of the language for carrying then through the description of some morfosyntactics aspects. Amongst the described aspects, the word's classes (name, verb, pronoun, and article) and the order of the constituents in the independent clauses. With regard to the order in the independent sentences, intransitives, transitives and bi-transitives had been analyzed. By this analysis, it is considered that the basic order of the assertive clauses in Laklãnõ is SOV. However, even in assertives, the structure can vary, dislocating the Subject, but never changing the position of the Direct Object in relation to the Verb. A preliminary survey was experienced to show the syntactic-semantic relations between the marks of Subject and the marks of Aspect.

I. APRESENTAÇÃO

Esse trabalho é um estudo preliminar sobre a língua Laklãnõ, classificada como pertencente ao tronco Macro-Jê da família lingüística “Jê” falada pelo povo do mesmo nome, encontrado somente no Estado de Santa Catarina, na única comunidade desta etnia existente no Brasil. Os Laklãnõ ficaram mais conhecidos como “Xokleng”, nome sobre o qual trataremos adiante.

Há poucos estudos sobre esta língua, os materiais lingüísticos existentes não incluem informações mais completas sobre a estrutura gramatical desta língua, consistindo, em sua maioria, de listas de vocabulares bastante limitadas, com transcrições via de regra inadequadas, que muito pouco contribuem para o conhecimento da gramática da mesma, salvo raras exceções como Bublitz (1994).

O presente trabalho com a língua Laklãnõ iniciou-se em 1992, quando tomei a decisão de conscientizar meu povo sobre a importância da língua e o porquê de preservá-la e mantê-la viva. Esse esforço de conscientização começou a ser efetivo quando em 1994 fui contratado em caráter temporário pela Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina para darmos início ao ensino da língua materna nas escolas existentes na Terra Indígena¹. Tornei-me responsável por este projeto de conscientização do povo e também por formar professores para lecionarem em sala de aula. Este trabalho me fez buscar mais conhecimentos para auxiliar os professores a dar continuidade aos esforços de recuperação da língua Laklãnõ.

Como falante nativo do Laklãnõ, interessei-me pelo trabalho dos pesquisadores e despertei para a vontade de uma reflexão mais sistemática sobre a organização e funcionamento dessa língua.

Em primeiro lugar, por se tratar de uma língua sobre a qual há poucos estudos, e porque, de certa forma pareceu-me não haver grande interesse acadêmico por seu estudo nas universidades do sul do Brasil.

¹ Lembrando que, para por em prática este projeto, fui contratado como professor de língua estrangeira que seria o inglês. Com isso, consegui o reconhecimento e assim ter nosso próprio espaço na educação.

Em segundo lugar, pela própria situação da língua, que possui um número não muito elevado de falantes e que convive com outras línguas dentro da aldeia. Dado que, todos os Laklãnõ que falam a sua língua materna são bilíngües, porque falam também o Português, e dado que há também muitos Laklãnõ monolíngües falantes apenas do Português, uma das questões de interesse, desse estudo é essa: determinar em que medida pode estar ocorrendo influência da sintaxe da língua Portuguesa no Laklãnõ. Vale mencionarmos que há varias razões: uma das razões é o contato intenso com os não índios e com isso a língua portuguesa cada vez mais vem ganhando espaço entre os Laklãnõ e principalmente entre os indivíduos mais jovem. Tal fato representa uma certa ameaça para a língua Laklãnõ.

II. A LINGUA LAKLÃNÕ E SEUS FALANTES

1. *O povo Laklãnõ (Xokleng)*

De início, é importante esclarecer o leitor sobre o uso dos termos Laklãnõ e Xokleng e o valor dessas denominações, bem como situar claramente o povo de cuja língua se trata nesse trabalho, que é o povo ao qual pertencço e a língua que eu próprio falo.

1.1. *Breve história do nome Xokleng e seus sentidos*

O nome do povo Xokleng tem provocado muitos debates. Desde os primeiros contatos amistosos de algumas parcialidades com os funcionários do SPI, a partir de 1914, as denominações dadas ao povo foram as mais variadas: "Bugres", "Botocudos do Sul", "Aweikoma", "Xokleng", "Xokrén", "Kaingang de Santa Catarina" e "Aweikoma-Kaingang"². Estas últimas denominações se devem à proximidade lingüístico-cultural existente entre os Xokleng e os Kaingang.

Nas primeiras publicações de um antropólogo sobre esse povo, Jules Henry (1935) apesar de denominá-los Kaingang, admitiu que havia diferenças lingüístico-culturais entre eles e os outros Kaingang. Segundo Greg Urban (1978), os "Xokleng" se originaram dos Kaingang, sendo que a separação se deu devido a fissões de suas patri-metades. O mesmo autor afirma ainda que o termo "Xokleng" é muito genérico e não lhes dá identidade.

De poucos pesquisadores que estudaram o povo Laklãnõ, Silvio Coelho dos Santos (antropólogo brasileiro) é o que mais trabalhos publicou a respeito dessa sociedade indígena. Dadas as muitas denominações que foram atribuídas a esse povo, segundo ele, optou-se pelo uso do termo Xokleng, que acabou sendo incorporado pelo grupo como denominador de uma

² Segundo SANTOS (1997). Registre-se também que, já em 1777, no mapa da expedição de Sampaio de Souza aos campos de Guarapuava (PR), aparece o nome "Xaclan".

identidade externa e usado em suas lutas políticas junto à FUNAI e aos meios de comunicação (SANTOS, 1973:31)³.

Mas a última comunidade remanescente desta sociedade, atualmente habitante do vale do Itajaí, não reconhecia o termo Xokleng como sua autodenominação porque, segundo o povo, o nome Xokleng é demarcador do olhar do colonizador sobre a comunidade e não desta como povo. Como membro desta sociedade afirmo que o povo nunca se sentiu confortável com essa denominação, porque, segundo os idosos, o nome Xokleng foi dado por pesquisadores e não os identifica como povo devido seu significado não muito agradável. Com isso, o povo se sentia humilhado. Assim, num processo recente de resgate de nossa história, de nossas origens e de nossos direitos, há alguns anos a comunidade iniciou um processo de re-denominação, procurando resgatar aquele que considera o verdadeiro nome que nos distingue e identifica enquanto povo.

A partir daquele questionamento, em conjunto temos buscado reconstruir e redefinir a nossa identidade, sobretudo em conversa com os mais idosos, na tentativa de recuperar informações sobre nossa história e, assim, redefinir nossa autodenominação. Nessa pesquisa, chegamos a algumas conclusões sobre a etimologia do nome mais comum a nós atribuído:

Xo ou **Txo**: paredão de pedra, rocha, gruta de pedra.

Kleng ou **Klê**: montanha.

Essa interpretação, para o nome, vem de um fato que descobrimos na pesquisa. Segundo os idosos que consultamos, um pesquisador perguntou, uma vez, como eles se protegiam da chuva e o informante do pesquisador respondeu dizendo que se protegiam em grande época de chuva debaixo dos paredões de pedra.

Nessa mesma pesquisa, chegou-se a uma outra interpretação sobre o mesmo nome:

Xokleng ou **txuklêg**: *aranha*.

Os mesmos velhos que consultamos sobre este nome **Txuklêg**, informaram que, numa outra ocasião, um pesquisador perguntou como eles faziam quando matavam um boi das fazendas

³ Ao longo da história de contatos com esta sociedade, a literatura antropológica e o indigenismo acabaram consagrando a denominação “**Xokleng**”, aplicando-a a todas as comunidades relacionadas, outrora bastante esparsas e, até, distintas. Historicamente, no século XX, conforme SANTOS (1997), o termo Xokleng havia sido incorporado pelo grupo como denominador de uma identidade externa, usada em suas lutas políticas junto à FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e aos meios de comunicações.

dos não-índios. O informante dele respondeu, contando que esquartejavam o boi e um homem carregava tudo nas costas, numa mochila feita por eles, de taquara. Com isso, foram comparados com a aranha.

Diante desta informação, conclui-se que o nome *Xokleng*, de maneira equivocada ou preconceituosa, identificava o povo como homens da montanha ou homens que vivem debaixo de paredões de pedras ou povo da caverna, ou, finalmente, homens como aranhas.

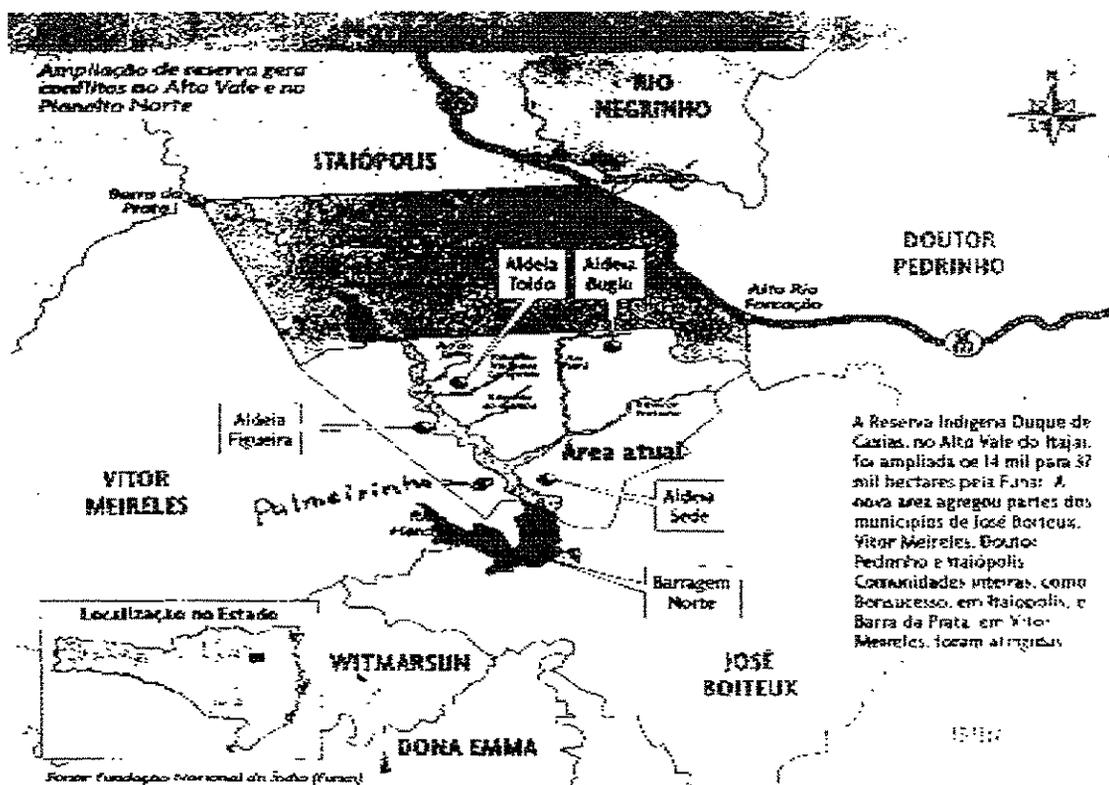
Na pesquisa mencionada anteriormente, feita pelo próprio povo, a comunidade chegou a um consenso de autodenominar-se “**Laklãnõ**” = “povo que vive onde nasce o sol, ou gente do sol (ou, ainda, povo ligeiro)”. Do ponto de vista lingüístico, sugere-se que a tradução literal mais apropriada seja próxima de “os que são descendentes do Sol” (ou, mais tecnicamente, do ponto de vista antropológico, e numa forma fonética simular ao idioma indígena: “os do clã do Sol”). Assim, o termo “Laklãnõ” vem ganhando espaço político, interno e externo, através do movimento de recuperação do idioma, incluindo a escrita de mitos antigos e o ensino bilíngüe.

O pesquisador Greg Urban, antropólogo americano que pesquisou o povo Laklãnõ na década de 70 e 80, reconheceu como “Rakranõ” a “facção” desse povo contatada em 1914 na foz do Rio Platê, para a qual foi demarcada a terra de “Ibirama”, e já então observou que esse era o termo com que se autodesignavam⁴ (Urban 1978:346). Urban publicou algumas obras sobre o povo Laklãnõ. Em 1985, também publicou um artigo sobre a língua dos mesmos, cujo título é: *Ergativity and Accusativity in Shokleng (Gê)*.

⁴ Segundo Urban, “Rakra nõ” poderia ser contração de expressão “ra yãdn kra nõ”, “povo do lugar que o sol levanta” (Urban 1978:346).

1.2. A localização da Terra Indígena do Povo Laklãnõ

O povo Laklãnõ é encontrado somente no Estado de Santa Catarina, onde está a única área indígena desta etnia existente no Brasil⁵. Atualmente a terra dos Laklãnõ é reconhecida como Terra Indígena Laklãnõ Ibirama, e está a cerca de 260 km a noroeste de Florianópolis e a 100 km a oeste de Blumenau, sendo que suas terras se distribuem por quatro municípios catarinenses: José Boiteux, Vitor Meireles, Doutor Pedrinho e Itaiópolis. Cerca de 70% da Terra Indígena está dentro dos limites dos municípios de José Boiteux (sudeste da Reserva) e Doutor Pedrinho (norte da Reserva). (Ver mapa)



Fonte: JORNAL DE SANTA CATARINA

⁵ Há outra terra em Matos Costas mas onde não há uma comunidade Laklãnõ.

1.3. *Organização Social Atual.*

Atualmente os Laklãnõ da Terra Indígena Ibirama vivem em sete aldeias: Sede, Pavão, Palmerinha, Figueira, Coqueiro, Bugio e Toldo. Todas têm autonomia política, um cacique e um vice-cacique regional. Há também um cacique presidente (geral), que representa e dá a unidade da comunidade perante as instituições com as quais estabelecem relações políticas. Estes líderes são escolhidos por voto direto, têm mandato de três anos e direito à reeleição. Se a comunidade estiver descontente com algum dos líderes, pode destituí-lo mediante um abaixo-assinado e escolher outro para terminar o mandato. Se o líder faz um bom trabalho, pode ficar no poder por mais tempo, sem nova eleição. Entre os Laklãnõ (Xokleng), a maior parte dos domicílios abrigam famílias nucleares, eles estão próximos uns dos outros e formam microaldeias dentro de cada vila, denominadas pelos nomes das famílias extensas que as constituem. Assim, irmãos, cunhados, noras e genros vivem próximos uns dos outros, trabalham juntos, caçam juntos, repartem fruto de sua produção e as tarefas cotidianas que demandam a sobrevivência de cada um desses núcleos.

Uma coisa importante entre os Laklãnõ é que, mesmo que o pai biológico morra ou se separe da mãe, a mãe continua a ter autoridade sobre a família, ou seja, as regras continuam sendo estabelecidas pela mãe⁶. Geralmente a mãe recebe da filha seu primeiro filho homem para ser criado por ela, dando a ele pelo menos um nome de seu avô. Este neto será seu encosto (arrimo) na velhice, auxiliando-a nas tarefas domésticas e na cobertura de despesas.

O processo de nomeação entre os Laklãnõ permanece importante para a organização social e os desenhos corporais eram um símbolo de identidade do povo como um todo. Além disso, os Laklãnõ se consideram "**u**", isto é, "**bonitos**", e se pintam em determinadas ocasiões de festa comemorativas ou por razões estéticas. Sua pintura corporal é sua "marca".

Os rituais de hoje se resumem praticamente às igrejas evangélicas existente nas aldeias citadas anteriormente. As reuniões políticas também são um fórum que reúne muita gente, e são levadas a sério, pois ali se discute o futuro da comunidade à qual pertencem. Devido

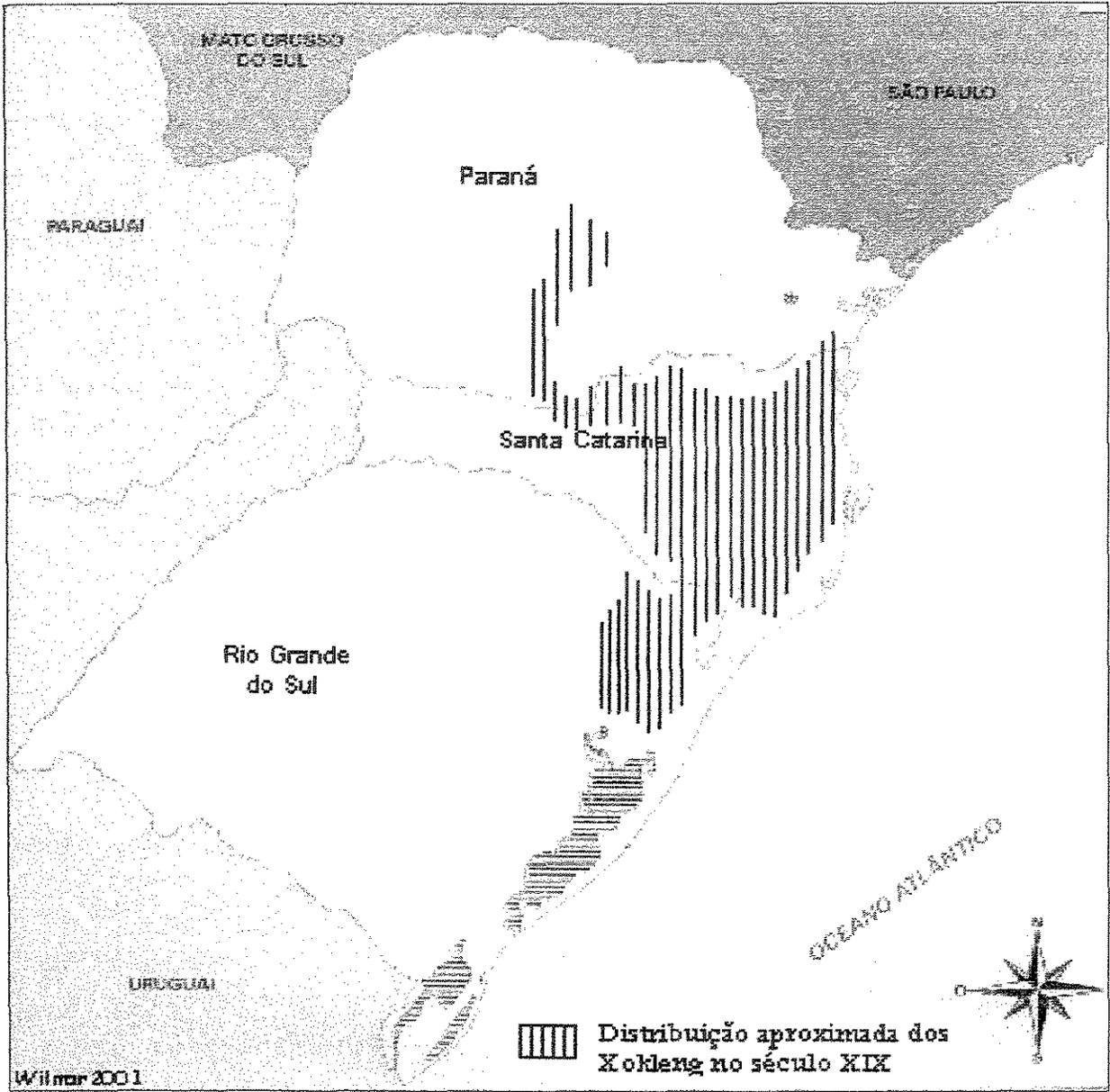
⁶ Isso nos leva a entender que entre o povo Laklãnõ a figura materna possui autoridade, caracterizando uma sociedade **matrilinear**.

às distâncias e o difícil acesso às aldeias, os Laklãnõ só se encontram, além dos cultos, para a comemoração do Dia do Índio (19 de abril).

Quando um membro da comunidade Laklãnõ morre, é feito um culto especial nas igrejas evangélicas ou mesmo em sua própria casa, para que seu espírito siga seu caminho e não venha arrebatado mais ninguém. O morto é enterrado, e todos os seus pertences íntimos enterrados com ele ou queimados. No passado, antes do contato com a sociedade não índia, o morto era cremado conforme seus costumes.

1.4. *Dados históricos*

Antes do contato com a sociedade não-índia, segundo história contada pelos idosos, o território tradicional ocupado pelos Xokleng se estendia do planalto até o litoral, aproximadamente de Porto Alegre (Rio Grande do Sul) até os campos de Curitiba e Guarapuava no Estado do Paraná, incluindo quase todo o centro-leste do Estado de Santa Catarina excetuando a orla marítima. Atualmente os Laklãnõ são tradicionais ocupantes das terras localizadas entre o litoral e o planalto. (Ver mapa)



1. 4. 1. *Território Histórico dos Laklãnõ*

Observando o mapa acima podemos identificar claramente a região de ocupação pelos Laklãnõ de acordo com a linha pontilhada que vai de Curitiba a Porto Alegre.

De acordo com os mais idosos, que consultei, a mata nativa desses planaltos era de araucária, fonte de alimento para os Laklãnõ durante os meses de inverno. Segundo os mesmos informantes, havia grandes disputas com os Kaingang e Guaranis, esses últimos denominados pelos Laklãnõ pelo nome “Glógklózy tõ pléj”⁷; a guerra era pelos pinhões e pela fauna. Na defesa contra seus inimigos, os Laklãnõ usavam arcos, flechas, lanças e bordunas.

O avanço da colonização portuguesa, a princípio através da chamada “frente pastoril”, foi aos poucos restringindo o território livre dessa sociedade indígena.

Já na primeira metade do século XIX foi política oficial do governo Português executar a ocupação efetiva dos campos de Lages em Santa Catarina, território incontestado dos Laklãnõ, além dos campos de Guarapuava no Paraná. Uma Carta Régia assinada pelo Príncipe Regente, Dom João VI, declarou guerra aos “bárbaros” índios “Bugre” e “Botocudos” que atacavam a estrada para o Sul, da Vila da Faxina (SP) à Vila de Lages (SC) (cf. SANTOS 1973:54).

E ainda na primeira metade do século XIX, por incentivo do governo imperial brasileiro, iniciam-se as investidas de colonização agrícola com recursos da introdução de imigrantes. As primeiras levas de colonos alemães começaram a entrar pelo ponto mais extremo sul do território do povo Laklãnõ (Xokleng), no Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo em que outros colonos alemães começaram a entrar na região do Rio Negro, na divisa dos estados do Paraná e Santa Catarina, também em território dos mesmos. Desta maneira, os Laklãnõ já estavam sendo impedidos de ocupar suas terras e até mesmo de penetrar em boa parte dos seus territórios em regiões de campos, indo aos poucos se refugiar nas serras da mata atlântica. Ali, foram alcançados pela penetração da frente agrícola colonizadora, tanto nas serras rios-grandenses como em território catarinense. Da mesma forma, por outro lado, inicia-se o

⁷ Em Laklãnõ “glógklózy tõ pléj” significa: “botoque fino (como agulha)”.

empreendimento colonizador norte-catarinense, como a introdução de famílias de agricultores europeus no Vale do Itajaí a partir de meados de mesmo século.

Os conflitos entre os Laklãnõ e os invasores de seus territórios ganham desde então, maior repercussão, seja pelo fato de envolver famílias de imigrantes e respectivos governos estrangeiros, seja pelo fato de haver, no país, um maior número de veículos de imprensa. Frente a essa circunstância, os Laklãnõ perceberam que se encontravam em seus últimos refúgios, sem alternativas a não ser o enfrentamento direto com os invasores, como forma de garantir seu espaço e território livre para sua sobrevivência. Os Laklãnõ foram cada vez mais encurralados e perseguidos, sobretudo em Santa Catarina, por expedições de “bugreiros”, grupos armados especializados no extermínio de comunidades indígenas, acobertados e até estimulados pelas autoridades locais. Entretanto, não é possível conhecer-se o número de comunidades e indivíduos massacrados nesse longo período de invasão agressiva que se estendeu até a segunda década do século passado. Os Laklãnõ foram reduzidos, assim, a comunidades seminômades de caçadores-coletores, refugiadas nas florestas e atormentadas pelo medo das práticas dos “bugreiros”.

1.4.2. *“Pacificação” dos Laklãnõ e sua conseqüências*

As notícias sobre as violências praticadas contra índios no Sul do Brasil motivaram diversos protestos de intelectuais brasileiros na imprensa, demonstrando naquele momento, os sentimentos nacionais das populações urbanas em favor do índio. O debate não cessou mais, tanto na imprensa quanto nas sociedades científicas, bem como no âmbito do Governo⁸. Neste contexto, em 1910 foi criado o SPI (Serviço de Proteção aos Índios), para se conter o massacre dos povos indígenas. Assim, o recém-criado SPI enviou um jovem funcionário do Rio de Janeiro, Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, para o Vale do Itajaí Norte (Ibirama), com a responsabilidade de contatar e “pacificar” os Laklãnõ. E em setembro de 1914 uma equipe de sertanistas do SPI, liderada por Eduardo (ou “Jãggál, Katagãl” nome dado pelos próprios índios), conseguiu estabelecer um contato com os Laklãnõ na foz do Rio Platê, no Distrito de Hamônia (hoje Ibirama) no município de Blumenau, no Alto Vale do Itajaí.

⁸ Segundo Silvio Coelho dos Santos, 1970.

Quando houve o contato definitivo dos Laklãnõ com a sociedade não-índia, eles eram aproximadamente 400 pessoas. Passados alguns anos, devido à mudança dos costumes, hábitos e alimentação, ou seja, quinze anos após contato com a sociedade não-índia, deu-se uma epidemia e mais de 1/3 da população morreu e apenas 106 pessoas sobreviveram⁹.

Segundo a conversa com os mais velhos, ao presenciar a morte dos seus parentes, um velho índio do povo Laklãnõ, de tristeza, sem saber o que fazer, foi falar para o chefe dizendo o seguinte: *"nóis fizeste descê para junto de ti, só pra nóis matar com doença. Antigamente nóis matava à bala, mas nóis também matava. Agora tu nóis mata com **Kuzul** (gripe) e **ãggógó** e outra doença. Vocêis os **Zug** (brancos) é culpado de tudo"*.

De acordo com o mesmo informante, ao ouvir as palavras do velho índio e todas as suas dificuldades, o chefe Eduardo decidiu manter o grupo, em regime de "contado controlado", pois desta forma, segundo sua intuição, evitaria a presença de estranhos na Terra Indígena, impedindo assim também a saída dos índios. Mas isso não adiantou. Frustrado de não poder fazer nada para evitar a mortes dos mesmos, o próprio Eduardo afirmou: *"Se pudesse prever que iria vê-los morrer tão miseravelmente, teria os deixado na mata, onde ao menos morriam mais felizes e assim defender-se-iam de armas na mão contra os bugreiros que os assaltavam"* (SANTOS 1997).

Vale mencionar que a consequência maior do contato com os não-índios foi a "desorganização social" e também a "miscigenação" deste povo.

Apesar dessas consequências, a identidade étnica do povo persiste marcando sua capacidade de resistência, que por sua vez fortalece a identidade através da revitalização de sua língua materna e também através da recuperação de sua história e de artesanato dos seus antepassados que ao longo do tempo era deixado de lado.

⁹ Segundo SANTOS. 1970.

1.5. *Organização Social e Política Pré-contato*

No passado, antes do contato com a sociedade não-índia, os Laklãnō praticavam a agricultura, além da caça e da coleta. Eles também viviam em aldeias permanentes. Ao longo do tempo, em função dos conflitos e das perseguições dos não-índios, os Laklãnō tornaram-se nômades, vivendo da caça e da coleta do pinhão, “Zág Zy” (fruto da Araucária). Não mantiveram mais acampamentos fixos e, portanto, não mais cultivavam a terra.

Segundo as pessoas mais idosas, os Laklãnō dividiam e organizavam seu tempo em dois períodos, *verão* “lō” e *inverno* “kutxó”. Desta forma, passavam o inverno no planalto, se alimentando do pinhão. No verão desciam para o vale, se reuniam e construíam ranchos, em semicírculo, voltados para uma praça central onde faziam os rituais de preparação (iniciação), casamentos, ritos funerários, confraternizavam, caçavam e planejavam ataques aos inimigos¹⁰. Terminada a estação cerimonial, a vila se desfazia e os grupos saíam para mais uma jornada no planalto no inverno e se reencontravam novamente para outra cerimônia já planejada no verão seguinte. Entre os mesmos, a residência após o casamento era com os parentes da esposa, sem que o marido atenuasse seus laços com a família extensa de origem, pois davam grande valor às lealdades paternas. Entre os Laklãnō, segundo meus conhecimentos e a informações dos mais velho da própria comunidade, existia poligamia entre os mesmos, mas não existia poliandria, ou seja, união conjugal com mais de um homem.

Diferente do que afirmam os mais velhos Laklãnō, Urban (1978:153) afirma haver além de casamentos monogâmicos, também poligamia, tanto na forma de poliginia como de poliandria, e ainda casamentos “em grupo”. Nisso, concorda com as informações de Jules Henry (1935).

A morte entre os Laklãnō era um fator relevante de ruptura social e evocava seu principal ritual, a reclusão do cônjuge sobrevivente. Vale dizer que, em reclusão (*vãnhkómãg*), obedecia a vários rituais, entre elas a restrições alimentares, e passava por uma série de rituais de

¹⁰ De acordo com as narrativas que recolhi junto as pessoas mais velhas entre os anos 80, conferem que as aldeias eram circulares. Greg Urban sugere que fossem, baseado em descrições de pessoas mais velhas e informação sobre pesquisas arqueológicas (Urban 1978: 249).

purificação. O retorno do viúvo ou viúva para o convívio implicava no seu corte de cabelos, e execução de cânticos, danças “**gién**” e pinturas corporais envolvendo a comunidade.

No passado, os mortos adultos eram cremados e seus restos mortais eram colocados em um cesto e enterrados. Já as crianças eram enterradas, pois se acreditava que seu espírito retornaria ao ventre da mãe e renasceriam. Mas para isso acontecer, os pais tinham que ir todos os dias no final da tarde ao lugar onde foi enterrada a criança para chamar seu espírito e assim segundo suas crenças, o espírito retornaria junto com os pais para casa e a mãe ficava grávida novamente e com isso a nova criança que nascia recebia o nome da falecida¹¹.

1. 5. 1 *O ritual de iniciação das crianças*

A maior festa dos Laklãnõ acontecia por ocasião da *furação dos lábios dos meninos* (“*glókózyn*”), onde vários grupos se reuniam comemorando com danças (“**ägglan**”) e muita bebida feita à base de mel, água e xaxim e depois de pronta chamada de “**mõg**”.

Com três a cinco anos de idade os meninos tinham botoques inseridos no lábio inferior. As meninas, com a mesma idade recebiam tatuagens ou marcas na perna esquerda, abaixo da rótula. Os padrinhos responsáveis pela perfuração labial e também pelas tatuagens eram os mesmos que enterravam o cordão umbilical da criança ao nascer e que, mais tarde, acompanhariam o desenvolvimento e socialização das crianças até a fase adulta. Normalmente, os afilhados eram os incumbidos da cremação de seus padrinhos quando morriam.

Atualmente não há mais cerimônias de iniciação tradicionais nem para meninos, nem para meninas.

¹¹ Atualmente entre os Laklãnõ mais velhos mantém-se ainda viva a crença de que o espírito da criança, depois de morta, retorna para os pais.

1.5. 2. Cosmologia dos Laklãnõ

Antes do contato com a sociedade não-índia, os Laklãnõ acreditavam em espíritos “gyjun” e “kupilæg”, que habitavam entre as árvores, montanhas, caverna “txó tõ kózy”, correntezas, ventos e todos os animais, pequenos ou grandes. Encontrar os espíritos podia ser perigoso, ou bom, se oferecessem ajuda na caça. Acreditavam que os animais têm um espírito que os controla e protege, permitindo ou não aos homens matá-los.

Mas ao mesmo tempo quando desobedecem, os espíritos de animais também matam. Segundo narrativas gravadas por mim nos anos 80, um homem também podia adotar um espírito criança e colocá-lo no ventre de sua mulher, para que nascesse¹². Ao longo do tempo de contato com os não-índios e também com a vinda do cristianismo para a aldeia, isso foi deixado de lado.

Segundo meus informantes, foi por volta de 1948 que se converteram as primeiras famílias Laklãnõ ao cristianismo, fora da aldeia. No mesmo ano, pela decisão dos próprios indígenas, a religião foi levada para a aldeia, aonde mais Laklãnõ se converteram à fé cristã. Essa informação histórica é diferente do que afirmam Ribeiro (1977:402-406) e Wiik (2004).

De fato, por volta de anos 50, expandiu-se o Cristianismo entre todos os Laklãnõ na aldeia, onde muitos se converteram à fé cristã (no caso, ao Pentecostalismo da Assembléia de Deus). Com isso, reformularam suas antigas crenças e práticas religiosas, à luz de uma nova realidade sociocultural, e das pressões das práticas proselitistas cristãs.

1.5. 3 *Kujá*¹³ ou *Xamã Pós-Contato*

De acordo com as narrativas gravada por mim, citadas anteriormente, a morte entre os Laklãnõ no passado era um fator relevante de ruptura do “kupilæg” ou alma da pessoa, a onde os “gyjun” ou o estrangeiro, vêm e devora o corpo e a alma das pessoas.

¹² Segundo as narrativas o índio “Vãnhkuklõ”, que era **Kujá**, quando morria um filho ou seu neto, ele buscava o espírito da criança e trazia de volta e colocava no ventre para que nascesse novamente e quando nascia, tinha as mesma característica do filho ou neto que morreu.

¹³ Kujá: pessoa que fazia remédio e previa o futuro do povo é o mesmo pajé ou xamã.

Segundo suas crenças, as doenças e morte também podem ser causadas por desobediência ou relações sexuais proibidas com pessoas e/ou espíritos. Com o aprisionamento da alma por seres sobrenaturais, pessoas adoeciam e, assim, eram conduzidas à morte.

De acordo com a conversa com os mais velhos que consultamos, logo após o contato os Laklãnõ tentavam tratar e curar as novas doenças trazidas pelos não-índios ou “zug”, através do “vãtxovãju” (oração) do “kujá”, ou seja, através do exorcismo dos seres sobrenaturais que as causavam. Vendo que seus esforços eram em vão, começaram a classificar as novas doenças, de “doenças dos zug” e assim os “kujá” perderam sua credibilidade com a comunidade.

Atualmente, boa parte do trabalho exercido pelos “kujá”, foi passada para a medicina e também nas mãos dos pastores evangélicos. Assim, os mesmos fazem orações; lembram assim as técnicas de cura utilizadas pelos antigos “kujá”.

1.5.4 *O Artesanato e a Cerâmica dos Laklãnõ*

Historicamente entre os Laklãnõ, o homem era responsável para fazer o arco e flechas e buscar os alimentos e as mulheres eram responsáveis de cozinhar, cuidar dos filhos e outros afazeres no lar. O artesanato, como a cerâmica era desenvolvida pelas mulheres que fabricavam muitas vasilhas e pequenos potes de barro para o uso do dia-a-dia. As mulheres Laklãnõ também eram as tecelãs; elas utilizavam as fibras de urtiga para tecerem suas roupas de inverno. Elas também fabricavam cestos e balaios de taquara e cipó, para carregarem suas comida, o milho e os demais pertences.

1.6 *Alterações na Cultura dos Laklãnõ: Alguns Aspectos*

Por conta de todo o contexto mencionado anteriormente, ao longo da história deste povo, nos deparamos com alterações nos costumes, língua e fala desta comunidade. Essas alterações já vinham ocorrendo rapidamente desde o primeiro momento do contato com a

sociedade não índia. Acreditamos que essas modificações nos costumes tornaram-se ainda maiores quando foi implantada a primeira Escola, em 1938 (ver a foto).



“Construção da primeira escola”

(Fonte: SANTOS)

A decisão de construir uma escola foi dos próprios índios, influenciados pela presença do professor Mieczyslaw Brzezinski, do SPI¹⁴. Isso indica que a partir daquele momento, houve um contato permanente com a sociedade não-índia e a presença constante da educação escolar, desencadeando um processo acelerado de perda dos costumes e do idioma Laklãnõ. Em função da presença de instituição escolar tal como ela é concebida na sociedade não-índia e em função do ensino de língua portuguesa, a cultura e a língua dos Laklãnõ foi desvalorizada e substituída pela chamada língua e cultura nacional. Ou seja, deu-se início ao processo de perda de uma cultura milenar, que ao longo do tempo era transmitida de pai para filho.

¹⁴ Mieczyslaw Brzezinski foi o primeiro professor entre os Xokleng. Era um polonês foragido da guerra e veio ao Brasil. Chegando na capital brasileira (na época, o Rio de Janeiro), em seguida foi enviado pelo diretor do SPI à nova reserva indígena recém criada. O professor era chamado pelos indígenas de “maestro”.

Queremos destacar que a escola não é a única responsável pela desmotivação da comunidade e pela perda dos costumes, mas é uma das instituições que ao longo do tempo interferiu, fazendo o povo esquecer e deixar seus costumes de lado.

Um outro fator foi a vinda do cristianismo para dentro da comunidade e também o contato permanente com a sociedade não-índia que as igrejas proporcionaram. E um terceiro fator também muito marcante e ainda presente é a influência da política de fora para dentro da comunidade, trazendo novas divisões e disputas internas. Isto significa que no passado, ou seja, ao longo da sua história pré-contato, havia muitas práticas voltadas à coletividade entre o grupo, práticas que devido à influência da política, hoje não existem mais.

1. 7. Preocupação do Povo Laklãnõ para Recuperar seus Costumes

Recentemente há uma preocupação muito grande da comunidade de tentar recuperar seus costumes, língua, nomes, cantigas e crenças que ao longo do tempo estavam sendo deixados de lado. Por exemplo, a recuperação da bebida do povo Laklãnõ, que foi deixada de lado ao longo do tempo de contato. A bebida era servida na cerimônia ou festas (**ãggian**) de furação dos lábios e nas demais outras festas.

A recuperação dos costumes está sendo realizada com apoio dos idosos e dos professores responsáveis pelo ensino nas Escolas existentes na comunidade Laklãnõ, aonde o conhecimento das tradições vem sendo transmitido às crianças de toda Terra Indígena Laklãnõ. A preocupação da comunidade com o resgate da história e revalorização dos costumes e da língua está presente. Assim, um dos caminhos seria ensinar, na escola, a ler e falar o idioma, para que este não seja esquecido. A outra forma é procurar registrar a língua e as histórias em livros, para a geração futura aprender e saber das histórias dos seus antepassados.

Nesse contexto das modificações que descrevemos até aqui, queremos também registrar que os novos conhecimentos transmitidos, principalmente pela escola, permitem aos Laklãnõ exigir seus direitos enquanto sociedade indígena brasileira.

Assim, a leitura, a escrita e a matemática abriram as portas para o mundo externo à Terra Indígena e permitem aos mesmos reivindicar seus direitos e não se calarem diante das injustiças da sociedade majoritária, ou seja, a sociedade não-índia.

III. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

III. 1. OBJETIVOS E MOTIVAÇÃO DO TRABALHO

Esse trabalho se ocupa de um tratamento descritivo dos aspectos mais centrais do funcionamento morfossintático do Laklãnõ naquilo que a sintaxe da língua tem de mais característico e particular (ainda que, certamente, sem exclusividade). Para tanto, descrevo primeiramente a ordem dos constituintes nas orações independentes para, depois, dedicar-me a duas classes fechadas de palavras que respondem por um complexo paradigma de marcação de sujeito e de marcação aspectual.

O autor do trabalho é falante nativo da língua Laklãnõ, mas além de sua intuição, os dados para este trabalho foram coletados junto ao próprio povo ao qual pertence. O autor não é, pois, o único fornecedor de dados para a descrição que se fará adiante.

Vale ressaltar que este estudo é a primeira aproximação do autor à sintaxe da língua Laklãnõ, a que pretende dar seguimento com futuros estudos.

III.2. O CORPUS

A pesquisa de campo para coleta de dados foi realizada durante o 1º semestre de 2004. A partir de um modelo de questionários de investigação de uso corrente entre pesquisadores de língua indígenas, foi elaborado um questionário específico para esta pesquisa, em conjunto com o orientador desse trabalho. Nas sessões de pesquisa de campo fiz a transcrição “in loco” e gravação para uso posterior. Além do questionário usei, como parte do “corpus” da pesquisa, narrativas míticas e histórias que já tinha coletado na década de 1980.

III. 2. a. OS INFORMANTES

Na pesquisa de campo, trabalhei com pessoas de diferentes idades, com especial interesse em comparar as diferenças da fala de acordo com a faixa etária. Assim, um dos informantes do sexo masculino tinha 58 anos; um segundo foi uma mulher de 50 anos; o terceiro informante tinha 30 anos (e é professor bilíngüe). Finalmente, o quarto informante foi um homem com mais de 70 anos.

A seguir apresento os perfis dos informantes e informação sobre conhecimentos lingüísticos dos mesmos.

O principal informante foi “V.T.”, que nos auxiliou com muita informação. “V.T.” tinha 70 anos na época da entrevista e era considerado um dos mais idosos e mais sábios de todo povo Laklãnõ. “V.T.”, nasceu e sempre morou na aldeia. Nos anos 70, contra sua vontade, foi transferido para uma aldeia indígena no norte do Rio Grande do Sul. Depois de cinco anos retornou à aldeia onde nasceu. O entrevistado é falante de Laklãnõ como língua materna e é bilíngüe, porque fala também o português. Sabe ler e escrever na língua portuguesa, e também fala o português fluente. Ele é um dos líderes mais respeitados da comunidade e já viajou por vários estados brasileiros em defesa das causa do povo Laklãnõ.

Nosso segundo informante, “V.N”, na época da pesquisa tinha 58 anos. Ele nasceu e se criou na própria aldeia, é falante do Laklãnõ como língua materna e é bilíngüe, porque fala também o português. Sabe ler e escrever na sua língua materna (Laklãnõ) e também na língua portuguesa. O mesmo sempre morou na aldeia.

Nossa terceira informante “C.C.”, na época da entrevista tinha 50 anos. Ela nasceu e se criou na própria aldeia. Com certa idade foi morar numa aldeia indígena do povo Kaingang no norte do Paraná. Depois de alguns anos retornou à sua aldeia e passando alguns anos, saiu novamente e foi trabalhar de doméstica na cidade. Finalmente retornou à aldeia por volta de 1975 e desde então nunca mais saiu. A entrevistada “C.C.” é falante de sua língua materna e bilíngüe (também fala português). Sabe ler e também sabe escrever, e tem uma boa fluência na língua portuguesa.

“N.G.”, nosso quarto informante, na época da entrevista tinha 30 anos. Ele nasceu e se criou na própria aldeia. É professor bilíngüe e atualmente cursa Geografia em uma das Universidades no Alto Vale do Itajaí.

A ordem cronológica das entrevistas foi, na primeira vez: trabalhei com “V.N.”, em seguida com “C.C.”, em terceiro lugar com “N.G.” e, por último com “V.T.”. Numa segunda rodada de coleta de dados a ordem foi: primeiro com “C.C.”, em seguida com “N.G.”, em terceiro lugar com “V.N.” e, finalmente, outra vez “V.T.”.

III. 2.b. A METODOLOGIA E A CONSTRUÇÃO DO *CORPUS*

É importante dizer uma palavra sobre as decisões de metodologia. Embora o autor pesquisador seja falante nativo do Laklãnõ, consideramos indispensável à pesquisa e coleta de dados junto a outros falantes da comunidade pelas seguintes razões:

- Ouvindo e gravando com terceiros falantes, o pesquisador fica mais seguro dos julgamentos sobre a adequação e a gramaticalidade das frases.
- Sendo o objetivo de cursar o mestrado, a formação do autor efetivamente como pesquisador lingüista, julgou-se indispensável a prática de pesquisa de campo.

Na escolha dos informantes alguns critérios foram estabelecidos:

- Pessoas não muito jovens (o único com menos de 50 anos foi escolhido por ser professor bilíngüe e porque também se julgou importante incluir ao menos uma pessoa das gerações mais novas);
- Pessoas dos dois sexos;
- Pessoas que moraram sempre a maior parte da vida na aldeia.

A coleta de dados em campo foi feita com questionários previamente preparados especialmente para essa pesquisa. No primeiro questionário recolhi dados para evidenciar a estrutura do sintagma nominal (ver anexo 1).

O interesse principal do segundo questionário (ver anexo 2) foi reunir dados que permitissem conclusões sobre a estrutura básica e a ordem preferencial das orações declarativas em construções com verbos intransitivos, transitivos diretos e bitransitivos.

Os dois primeiros questionários foram usados em minha primeira viagem a campo.

Um terceiro questionário, para esclarecer dúvidas acerca da estrutura das orações bitransitivas, foi elaborado depois e aplicado em outra viagem (ver anexo 3).

Além dos questionários, em diversos momentos em que o andamento da pesquisa e da análise dos dados exigiu, eu mesmo produzi dados para a investigação. Nesses casos, em momento posterior, esses dados eram quase sempre submetidos à avaliação de um segundo falante.

Por fim, também lancei mão de narrativas gravadas com os velhos em anos anteriores (ver exemplo no anexo 4).

IV. INFORMAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A LINGUA LAKLÃNÕ

Apresentam-se, nesse capítulo, algumas informações básicas da Fonologia e da Sintaxe do Laklãnõ, necessárias para a leitura dos capítulos seguintes.

IV.1. FONOLOGIA E ORTOGRAFIA

Nossa proposta é mostrar ao leitor os fonemas da língua Laklãnõ, definindo o quadro fonológico. Há um estudo de análise fonológica preliminar da língua Laklãnõ, cuja autora é Bublitz (1994).

O quadro fonológico que apresentarei segue modelo de base estruturalista, e está baseado especificamente num trabalho preliminar cujo título é “Breve estudo fonético-fonológico da língua Laklãnõ” que envolveu alunos da disciplina Fonética e Fonologia do programa de Pós-graduação em Lingüística do IEL – UNICAMP (sob orientação da Profa. Filomena Sândalo), trabalho do qual participei como co-autor e também como informante.

1.1. Quadro Fonológico das Consoantes em Laklãnõ

		Bilabial	Lábio-dental	Palato Alveolar	Velar	Glotal
Oclusiva	desvozeadas	p	t		k k ^w	ʔ
	Pré-nasalizadas	^m b	ⁿ d		ŋg ŋg ^w	
Africada	Desvozeadas			tʃ		
	pré-nasalizadas			ⁿ dʒ		
Fricativa			ð			h
Nasal		m	n	ɲ		
Lateral				l		
Aproximante			ʋ	j		

1.2. Quadro Fonológico das Vogais em Laklãnõ

	Anterior		Central		Posterior	
	Oral	Nasal	Oral	Nasal	Oral	Nasal
Alta	i	ĩ	ɨ	ĩ	u	ũ
Médio-alta	e	ẽ			o	õ
Central			ə	ẽ		
Médio-baixa	ɛ	ẽ			ɔ	õ
Baixa			a	ã		

Segundo GAKRAN & BUBLITZ (1997), o alfabeto da língua Laklãnõ é o que apresento abaixo, com os respectivos fonemas. Os exemplos utilizados neste trabalho estão grafados na ortografia atual do Laklãnõ, que emprega o alfabeto apresentado abaixo:

1. 3. Quadro Ortográfico da língua Laklãnō: Consoantes

	Letra	Fonemas
Oclusivas	P	p
	T	t
	K	k
	'	ʔ
	Kw	k ^w
Pré-nasalizadas	B	^m b
	D	ⁿ d
	G	ŋg
	Gw	ŋg ^w
Fricativas e Africadas	Z	ʃ
	H	h
	Tx	tʃ
	Dj	ⁿ dʒ
Nasais	M	m
	N	n
	Nh	ɲ
Lateral	L	l
Aproximantes	V	ʋ
	J	j

Em um breve estudo Fonético-Fonológico, citado anteriormente, do qual foi apresentado o quadro fonológico acima, ao analisar o *corpus*, foi verificada a ocorrência de vários homônimos, isso nos levou a suspeitar da existência de vogais longas. Apesar de um *corpus* restrito, e de poucos exemplos encontrados, mesmo assim, acreditamos que existem vogais longas em Laklãnō (embora haja uma grande discussão em torno das vogais longas nas línguas “Jê”, propondo sua não existência).

Como o objetivo da pesquisa citada não estava voltado a esta finalidade, a questão foi deixada para outro momento. No entanto, ao longo do curso de Fonologia em que aquela questão

foi tematizada, as acadêmicas Ilda de Souza (doutoranda) e Valderes Aparecida Rinaldi (mestranda) preocuparam-se em pesquisar e fazer uma descrição detalhada das vogais longas encontradas no sistema fonológico da língua Laklãnõ, com o objetivo de contribuir para a documentação dessa língua. Na referida pesquisa, colaborei como informante. Assim, foram analisados os segmentos vocálicos da língua Laklãnõ em alguns de seus ambientes de ocorrência e suas respectivas taxas de duração. Como o enfoque do trabalho não era somente fonético, mas também fonológico, foi necessário verificar o comportamento destas vogais em diferentes ambientes de ocorrência e inseridos dentro de sentenças, uma vez que os segmentos vocálicos com suspeita de durações diferente recaíam somente em final de palavras. E assim foram feitas gravações e análises de palavras isoladas e também em frases-veículo. As palavras contendo vogais suspeitas de serem longas, além das curtas, foram analisadas em diversos ambientes, sendo eles: seguidas por obstruintes, pré-nasais, vogais, além de precedidas por logatomas. Todos os exemplos usados, inclusive aqueles em que foram usadas logatomas respeitaram a estrutura da língua. O comportamento observado foi bastante favorável às nossas hipóteses e constatamos que as vogais mantêm suas características de duração nos diversos ambientes, mesmo quando ocorrendo pequenas reduções, como é o caso das palavras enquanto dentro das frases veículo.

Partindo destas medições e do *corpus* utilizado, julgou-se comprovada a existência das vogais longas na língua Laklãnõ¹⁵. Como o presente trabalho não está focado na fonologia e, menos ainda, no estudo aprofundado sobre as vogais, decidimos não incluí-las no quadro ortográfico das “vogais” que se seguem abaixo, até porque ainda não foram criados símbolos para representá-las.

¹⁵ Essa conclusão não é compartilhada pelo orientador da presente dissertação.

1. 4. Quadro Ortográfico da língua Laklãnõ: Vogais

Altas	I	ɪ
	Ī	ĩ
	Y	ɛ̃
	Ȳ	ẽ̃
	U	u
	Ū	ũ
Médias	E	e
	Á	ə
	O	o
Baixas	É	e
	Ē	e
	A	a
	Ã	ã
	Ó	o
	Ô	õ

IV. 2. NOMES E VERBOS

No Laklãnô distinguem-se Verbos e Nomes principalmente pelas seguintes características formais:

Verbos

1) Formação de Plural

a) Reduplicação

Ex: sg		pl
hõn	→	hõnhõn
(derrubar)		
han	→	hánhan
(fazer)		
pum	→	pupum
(rachar)		
kym	→	kykym
(cortar)		

b) Formas diferentes para singular e plural¹⁶.

Ex: sg.		pl.
nēm	→	vin
(dar)		
nūl	→	jāgnūl
(dormir)		

2. Não podem ser substituídos (a não ser por outro verbo).

Ex: **kuzó vū ke te nūl mū.**

Velho dormiu cedo.

Nomes

1. Formação de Plural

a) Acrescentando “óg”

Ex: sg		pl
kuzó	→	kuzó óg
(velho)		(velhos)
kuzó tō tá	→	kuzó tō tá óg
(velha)		(velhas)

b) Acrescentando “**kabág**”

Ex: sg.		pl.
zág	→	zág kabág
(pinheiro)		(muitos pinheiros)
kagklo	→	kagklo kabág
(peixe)		(muitos peixes)

2. Podem ser substituídos por pronomes.

Ex: **Kuzó vū ke te nūl mū.**

Velho dormiu cedo

Ta vū ke te nūl mū.

Ele dormiu cedo

¹⁶ Colocam-se aqui alguns exemplos para mostrar a diferença da expressão de plural entre Verbos e Nomes, mas é preciso deixar registrado que apenas um conjunto de verbos possui formas próprias para plural, diferente das formas do singular. A maioria dos verbos possui uma forma só.

Acima, o quadro mostra formas plurais nos verbos. Pode-se dizer que isso configura um tipo de concordância do verbo com o sujeito ou com o objeto direto. Na verdade, parece melhor dizer que é sempre concordância com o objeto: se o objeto deve ser indicado como plural isso é feito através do verbo.

Exemplos:

a) *Com duplicação*

01. Jug vũ do **hánhan** mũ.
pai MS flecha fazer ASP
Meu pai fez várias flechas.

02. Kāggunh vũ kó **hōnhōn** mũ.
n.masc. MS árvore derrubar ASP
Kāggunh derrubou várias árvores.

03. Ta vũ kózy **pupum** mũ.
3ªpm MS pedra rachar ASP
Ele rachou a pedra em vários pedaços.

04. Kugklũ te vũ **popov** mũ.
panela Art MS rachar ASP
A panela rachou em várias partes.

05. Glun óg vũ **lāglāg** mũ.
gato 3ªpp MS pular ASP
Os gatos pularam.

06. Óg vū pāgpāg mū.
 3^app MS atirar ASP
 Eles atiraram.

b) *Com formas diferentes do verbo.*

04. Zág zy kabág gég ta mū¹⁷.
 pinheiro semente ADV pegar 3^apm ASP
 Ele pegou muito pinhão.

05. Ta vū kagklo kabág gég mū.
 3^apm MS peixe ADV pegar ASP
 Ele pegou muitos peixes.

06. Ēnh jō ta gal vin mū.
 1^ap POSP 3^apm milho dar ASP
 Ele deu milho para mim.

07. Óg vū mū tē¹⁸.
 3^app MS ir(pl) ASP
 Eles irão.

D'Angelis (2004), para fatos semelhantes no Kaingang (língua próxima do Laklãnō) defende que não se trata de concordância, mas de expressão de “multiplicidade ou repetição de ação” no verbo.

Uma característica interessante de alguns verbos em Laklãnō é o fato de que operam com uma classificação cultural, expressa linguisticamente, baseada na forma dos objetos. Por

¹⁷ Veja exemplo no singular: **zág zy pil vag ta mū**. Ele pegou um pinhão. (mas também é possível dizer assim).
Ta vū zág pil vag mū.

¹⁸ Veja exemplo no singular: **Ēnh jā nū tē tē**. (Eu mesmo vou).

exemplo, para o sentido de “dar” há vários verbos: um que se usa com objetos compridos, outro com objetos redondos, outro com objetos compridos em pé, etc.

Verbos “**dar**” e exemplos de objetos com os quais co-ocorrem (ou, que os selecionam):

zi	nēm	zāg
do (flecha)	kle (cestinho)	kajā (balaio)
vyj (espingarda)	kugklū katxin (panela)	togtov (lata)
kānhglē (foice)	kul (roupa)	kugkév (galinha)

Quando fale de objeto no plural, usa o verbo “**vin**” (dar), que não indica a posição do objeto.

IV.3 PRONOMES

Os pronomes, em Lakiãõ são palavras usadas para substituir um nome ou sintagma nominal. Assim os pronomes pessoais são palavras usadas para referir-se ao falante (eu/ nós), ao ouvinte (você/ vocês) e às outras pessoas e às coisas que, podem ou não ser identificadas.

O falante (ex: 1ª ps sg. “ēnh ja, nũ”) e o ouvinte (ex: 2ª ps sg. “a, ahã”) estão necessariamente presentes na situação; já a terceira pessoa (ex: 3ª ps sg masculina. “ti,ta” e 3ª ps sg feminino. “zi”), pelo fato de estar ou não plenamente identificada, pode combinar-se com a noção de “definido/ indefinido”.

3. 1. Quadro dos Pronomes:

Singular			Plural	
1ª p.	ēnh	eu	ãg	nós
2ª p.	a, ahã	tu	a	vocês
3ª p. masc.	ta, ti	ele	óg	eles
fem	zi	ela		elas

As formas acima podem ser compostas com outros elementos para dar-lhes um caráter enfático.

ēnh + tō = ētxo = eu mesmo

a + hã = ahã = você mesmo

ti hã = ele mesmo

ēhã ta = ele mesmo

zi hã = ela mesma

ẽhã zi = ela mesma

mẽ + ãg = nós mesmos

mẽ + ahã = vocês mesmos

mẽ + óg = eles mesmos / elas mesmas

Os mesmos pronomes da tabela acima se empregam em construções possessivas, daí serem costumeiramente traduzidos também por “meu”, “minha”, “seu”, “sua”, “dele”, “dela”, etc. No entanto, parece mais adequado serem entendidos como pronomes livres e sugere-se, como tradução literal, as fórmulas como dos exemplos que seguem:

Ënh = 1ª p/sg (eu)

ẽnh kle = coxa de mim

A = 2ª p/sg (você)

a klãgdja = faca de você

Ti = 3ª p/sg.masc. (ele)

ti katxol = cachorro d’ele.

Zi = 3ª p/sg.fem. (ela)

zi katxol = cachorro d’ela.

Óg (eles e elas)

óg katxol = cachorro d’eles

Como se nota no quadro acima, há duas formas para a 3ª pessoa do singular masculino. A forma “ta” nunca é usada na função de objeto direto, tampouco em sintagma pós-posicionado ou nas construções possessivas; nesse caso, sempre se usa “ti”.

Há um caso, porém em que “ti”, e não “ta”, ocorre na posição de sujeito: nas construções com marca de aspecto “vã”, que exige a marca de sujeito “tõ¹⁹”.

Exemplo:

¹⁹ Prof. Aryon Rodrigues sugeriu, durante a defesa dessa dissertação, trata-se da marca exigida em construções ergativas.

08. **Ti** tō ē kul zó vã.

3ºp MS próprio roupa lavar ASP

Ele está lavando a própria roupa.

Quer parecer que, nesse tipo de oração descritiva o sujeito não é do mesmo tipo das demais orações, onde ele é ativo.

IV. 4. ESTRUTURA DO SINTAGMA NOMINAL

Basicamente o Laklãnõ organiza o Sintagma Nominal com “cabeça à direita”, especialmente na relação genitiva. Ou seja, a relação de determinação se dá pela ordem determinante-determinado. Isso explica as traduções dadas acima, dos possessivos: “faca de você”, “coxa de mim”, etc. Para dizer, por exemplo: “filho de Kãggunh”, o sintagma é: “Kãggunh ji”.

A mesma ordem é obedecida no emprego de posições.

Exemplos:

Na casa:	ẽn ki
Para casa:	ẽn ló
Encima da casa:	ẽn klē
Embaixo da casa:	ẽn klām
Perto da casa:	ẽn la
Atrás da casa:	ẽn djin tá
Em volta da casa:	ẽn ban

Só não segue, aparentemente, esse princípio, a relação com adjetivo.

Exemplos:

“homem doente”:	kónhgág kóggó
“cesta vazia”:	kājā kupla
“roupa verde”:	kul tánh

IV.5. ARTIGOS

Artigos em Lakiãõ:

“te” definido

“ũ” indefinido

Interpreto a forma “te” como artigo definido, que ocupa a posição à direita do núcleo do Sintagma Nominal (SN). O uso desse recurso é opcional pelos falantes, o que é argumento a favor de sua função. Assim, o “te” pode ser usado em orações afirmativas, negativas e interrogativas. Já o artigo indefinido tem a forma “ũ” (homônima do pronome indefinido), que igualmente se coloca à direita no Sintagma Nominal. Observe-se que as formas dos artigos não carregam informação de Gênero nem de Número, informações que se acrescentam, quando necessário, com as respectivas formas pronominais (ex: “zi”, marca de Feminino Singular, deve co-ocorrer com “te” quando se quer produzir, em Lakiãõ, uma forma correspondente ao artigo “a” do Português).

Comparem-se os seguintes exemplos:

09.1.a. **Kuzó vũ klágnê ko vanh kũ tẽ.**

velho MS carne comer Neg. Cj ASP. = *Velho não come carne*

09.2.a. **Kuzó te vũ klágnê ko vanh kũ tẽ.**

velho Art. MS carne comer Neg. Cj ASP. = *O velho não come carne*

09.3.a. **Kuzó ũ vũ klágnê ko vanh kũ tẽ.**

velho Art. MS carne comer Neg. Cj ASP. = *Um velho não come*

ou *Um dos velhos não come carne*

10.1.b. **kuzó zi vū ēn kanē tū tē.**

velha GF MS casa está Neg ASP = *Velha não está em casa.*

10.2.b. **Kuzó te zi vū ēn kanē tū tē.**

velha Art GF MS casa está Neg ASP. = *A velha não está em casa.*

10.3.b. **Kuzó ũ zi vū ēn kanē tū tē.**

velha Art GF MS casa está Neg. ASP = *Uma velha não está em casa.*

ou *Uma das velhas não está em casa.*

Veja-se que o artigo também pode ocorrer em forma imperativas:

11.1.a. **Kāggunh kagklo ko ló**

n. masc peixe comer para

Kāggunh, coma peixe.

11.2.b. **Kāggunh kagklo te ko ló.**

n.masc peixe Art comer para

Kāggunh, coma o peixe.

11.3.c. **Kāggunh kagklo ũ ko ló.**

n. masc peixe Art. comer para.

Kāggunh, coma um peixe, ou: Kāggunh, coma um dos peixes.

V. ORDEM DOS CONSTITUINTES DA ORAÇÃO

Em Laklãnõ, a ordem dos constituintes da oração não é fixa, pois variações são possíveis; mas também não é totalmente livre, pois constatamos que a ordem de alguns elementos tende a ser preservada, apesar das variações existentes. Isso colaborou para interpretarmos melhor o sistema de marcação do sujeito desta língua, permitindo assim que chegássemos à ordem básica da língua.

A seguir trato da ordem preferencial nas orações independentes, classificando-as em Intransitivas, Transitivas Diretas e Bitransitivas.

V. 1. *Oração Independente Intransitiva*

As orações independentes em Laklãnõ contêm um verbo, compõem um período simples e podem se articular em várias orações para formar um período composto. Nessas orações o verbo pode ser: intransitivo, transitivo ou bitransitivo, formando orações correspondentes como pode se observar nos exemplos que seguem abaixo.

V. 1.1. *Ordem das Orações Intransitivas.*

S + V Intransitivo

A ordem dos constituintes das orações intransitivas em Laklãnõ é, preferencialmente, **S + V**, como veremos.

Acompanhe os exemplos abaixo²⁰:

²⁰ O leitor já deve ter observado nos exemplos acima as abreviaturas **MS** e **ASP**, que significam, respectivamente “Marca de Sujeito” e “Aspecto”. De fato, esses são elementos essenciais na sintaxe da língua Laklãnõ, e a eles está dedicado cada um dos capítulos seguintes dessa Dissertação (ver capítulos VI e VII).

12. Ēnh mǎg katxol te vū ty mū.

1ªp criação cachorro Art MS morrer ASP

(S. V. Asp)

Meu cachorro morreu.

13. Kuzó te vū tavig mū.

velho Art MS chegar ASP

(S.V. Asp).

O velho chegou.

14. Ēnh jēgga vū bláj mū.

1ªp braço MS quebrar ASP

(S. V. Asp)

Meu braço quebrou.

15. Enh jā nū plāl mū.

1ªp MS1ªp chorar ASP

(S. V. Asp)

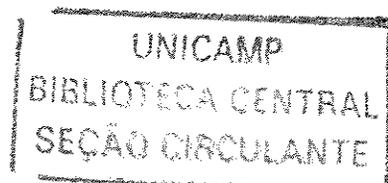
Eu mesmo chorei.

16. Ta vū nūl mū.

3ªpm MS dormir ASP

(S. V. Asp).

Ele dormiu.



17. **Jō zi vū tavig mū.**

mãe GF MS chegar ASP

(S. V. Asp).

Minha mãe chegou.

18. **Ahã mã kutã mū.**

2ª ps MS 2ªp cair ASP

(S.V. Asp).

Você caiu

19. **Katxol vū kyl mū.**

cachorro MS latir ASP

(S.V. Asp).

O cachorro latiu

20. **Jēl vū piāl mū.**

criança MS chorar ASP

(S.V. Asp).

O menino chorou.

21. **Kugklū vū bláj mū.**

panela MS quebrar ASP

(S.V. Asp).

A panela quebrou.

22. **Tó vū kutã tē.**

chuva MS cair ASP

(S.V. Asp).

A chuva cai / Está chovendo.

23. **Kagklo vū kágtã tē**

peixe MS morrer (pl) ASP

(S. V. Asp).

Os peixes estão morrendo.

Nas orações declarativas negativas, a ordem preferencial **S. V.** também é respeitada. Observe os exemplos:

24. **Kuzó te vũ tavig tũ tē.**

velho Art MS chegar neg ASP

(S.V. Asp).

O velho não chegou

25. **Jēi zi vũ nũl tũ tē.**

menina GF MS dormir neg ASP

(S. V. Asp).

A menina não dormiu.

Ao lado da ordem **S + V**, nas intransitivas, também é possível a ordem **V + S**, como mostram os exemplos abaixo. Observa-se, porém, que a mudança de ordem acarreta também mudanças na forma do sujeito de 1ª e 2ª pessoa.

26. **Tavig ta mũ.**

chegar 3ªpm ASP

(V. S. Asp).

Ele chegou.

27. **Lanhianh ta mũ.**

trabalhar 3ªpm ASP

(V. S. Asp).

Ele trabalha.

28. **Kutã zi mũ.**

cair GF ASP

(V. S. Asp).

Ela caiu.

29. **Tavig nũ mũ.**

chegar MS1^ªp ASP

(V. S. Asp).

Eu cheguei.

30. **Tavig mã mũ.**

chegar MS2^ªp ASP.

(V. S. Asp).

Você chegou.

Como se vê nos exemplos, quando o sujeito é 3^ª pessoa, e ocorre mudança na ordem preferencial, à direita do verbo só vai o próprio pronome, sem a marca de sujeito. Ao contrário, quando o sujeito é 1^ª ou 2^ª pessoa, com a mudança de ordem, à direita do verbo só vai a marca de sujeito, apagando-se o pronome²¹.

Quando a oração intransitiva é expandida com informação adicional, observamos duas situações:

- (a) Se o acréscimo é de um advérbio que modifica o verbo, ele ocorre à direita do verbo, entre este e a marca de Aspecto.
- (b) Se o acréscimo é de uma locução adverbial (de tempo ou lugar), ela ocorre antes do verbo, entre o sujeito e o verbo.

²¹ Por causa dessa possibilidades – ilustradas nos exemplos 28 e 29 e vários outros, adiante, nessa dissertação – o Prof. Aryon Rodrigues sugere considerar-se alternativa de tratar também **nũ** e **mã** como pronome efetivamente.

Em síntese, modificadores do verbo devem ir à direita do verbo, enquanto expressões de circunstância devem vir antes do verbo.

Vejam-se os exemplos:

31. Pa'i vū vē téj mū.

chefe MS falar ADV ASP

(S.V. ADV. Asp).

Cacique falou muito.

32. Ēnh já nū nūl bág mū.

1ªps MS1ªp dormir ADV ASP

(S.V.ADV. Asp).

Eu durmo bastante.

33. Āg hā nā ból jógyn mū.

1ª pp MS1ª pp correr ADV ASP.

(S.V.ADV. Asp).

Nós corremos muito.

34. Katxol vū kujel jogy já.

cachorro MS fome ADV ASP

(S.V.ADV. Asp).

O cachorro está com muita fome.

35. Ēnh já nū tóg a ki pó mū.

1ª ps MS Loc.ADV. nascer ASP

(S. Loc-Adv.V.Asp.)

Eu nasci aqui

36. Ahã mã la āta ka piāl mū.
2ª ps MS 2ªp Loc.ADV. chorar ASP

(S. Loc-Adv. V. Asp).

Você chorou naquele dia.

37. Ēnh jā nū la ūn tá tavig mū.
1ªps MS1ª p Loc.ADV chegar ASP

(S. Loc-Adv.V.Asp)

Eu cheguei ontem.

38. Ēnh mǎg katxol vū la ūn tá ty mū.
1ª ps criação cachorro MS Loc.ADV morrer ASP

(S. Loc-Adv.V.Asp)

Meu cachorro morreu ontem.

39. Ti ji te vū ūn tógli pó mū.
3ª p filho Art MS Loc.ADV nascer ASP

(S. Loc-Adv.V.Asp)

O filho dele nasceu hoje.

V. 2. *Oração Independente Transitiva*

a) *Transitivas Diretas*

Preferencialmente a ordem das orações transitivas diretas em Laklãnō é **S + O + V**, mas dependendo da circunstância, pode mudar-se a ordem, movendo-se sujeito para a posição após o verbo. Nunca é aceitável o sujeito (**S**) aparecer entre o objeto (**O**) e verbo (**V**), podendo apenas posicionar-se antes do objeto ou depois do verbo. Ou seja, são inaceitáveis as ordens **OSV** e **SVO**.

Observem os exemplos a seguir.

40. Ēnh jā nū ti ji vэг mū.

1^ap MS 3^apm filho ver ASP

(S. OD. V. Asp).

Eu vi o filho dele.

41. Ēnh ji zi tō gal ko jó vā.

1^a p filha GF MS milho comer PASS ASP

(S. OD. V. Asp).

Foi minha filha que comeu o milho.

42. Ēnh jā ētxō ěn āta te hal vā.

1^aps MS casa aquela Art fazer ASP

(S. OD. V. Asp).

“Eu fiz aquela casa”

43. A māg katxol te vāzol mū

2^aps criação cachorro Art perder ASP

(S. OD. V. Asp).

“Você perdeu seu cachorro”

44. Ēnh jā nū zág légle hōnhōn mū.

1^aps MS pinheiro dois derrubar(pl) ASP

(S. OD. V. Asp)

Eu derrubei dois pinheiros

45. Ēnh jā nū dén kōnā ko mū.

1^a ps MS fruta comer ASP

(S. OD. V. Asp).

Eu comi a fruta.

46. Ti ji vū dēn kónā ko mū.
3ª ps m filho MS fruta comer ASP

(S. OD. V. Asp).

“O filho dele comeu a fruta”

47. Ēnh jā nū ti lāg mū.

1ªps MS1ªp 2ªps bater ASP

(S. OD. V. Asp).

“Eu bati nele”.

48. Ēnh ji zi vū klágnē te ko mū.

1ª ps filha GF MS carne Art comer ASP

(S. OD. V. Asp).

Minha filha comeu a carne.

49. Ti ji tō jēl te lān vā.

3ª ps filho MS criança Art bater ASP

(S. OD. V. Asp).

O filho dele bateu na criança.

50. Pōn vū nēkóbág plag mū.

cobra MS boi morder ASP

(S. OD. V. Asp).

A cobra picou o boi.

51. Ēnh jā nū gal tyndyl ko mū.

1ª ps MS milho socada comer ASP

(S. OD. V. Asp).

Eu comi o milho socado.

52. Ēnh jā nū dēn kónā tánh ko mū.

1^ap MS1^ap fruta verde comer ASP

(S. OD. V. Asp).

Eu comi a fruta verde.

Como está dito acima, pode ocorrer a ordem **O + V + S**, como nos exemplos abaixo:

53. Ti ji te vég nū mū.

3^apm filho Art ver MS1^ap ASP

(OD. V.S. Asp)

Eu vi o filho dele.

54. Ēnh lāg ta mū.

1^a ps bater 3^a pm ASP

(OD. V.S. Asp)

Ele me bateu.

55. Dén ko ta mū.

coisa comer 3^apm ASP

(OD. V. S. Asp).

Ele comeu.

Como vimos na sessão anterior, ocorrendo advérbio modificador do verbo, ele aparece à direita do verbo.

Exemplos:

56. Ēnh jā nū dēn kónā te ko tū tē.

1^a p MS fruta Art comer neg ASP

(S. OD. V. ADV. Asp)

Eu não comi a fruta.

Mesmo quando temos um período composto, na oração principal é obedecida a mesma ordem.

Exemplos:

57. **Āmēdo** **zi** **vũ** **gal** **tydyn** **kũ** **glag** **mũ.**

n.feminino. GF MS milho socar Cj assar ASP

(S. OD. V. Cj. V. Asp)

A Āmēdo soca milho e assa.

b) *Bitransitiva*

S + OI + OD + V

A ordem preferencial das orações declarativas bitransitivas em Laklãnõ é **S + OI + OD + V**. Geralmente essa ordem é preservada, mas dependendo da circunstância pode mudar-se a ordem do objeto indireto (**OI**) movendo-o para antes do sujeito, como é o caso dos exemplos 72 e 73, mas nunca movendo o objeto direto (**OD**).

Observem os exemplos a seguir.

58. **Ēnh** **jã** **nũ** **kaválu** **mô** **goj** **nēm** **mũ.**

1ªp MS cavalo POSP água dar ASP

(S. OI. OD. V. Asp).

Eu dei água para o cavalo.

59. **Kāggunh vū ēnh jō gal vin mū.**

n. masc MS 1^op POSP milho dar ASP

(S. OI. OD. V. Asp).

O Kāggunh deu milho para mim.

60. **Āmēdo te zi vū kavālu mō péhov nēm mū.**

n. fem. Art GF MS cavalo POSP abóbora dar ASP

(S. OI. OD. V. Asp)

A Āmēdo deu abóbora para o cavalo.

61. **Jēl vū nēkóbág mō goj nēm mū.**

criança MS boi POSP água dar ASP

(S. OI. OD. V. Asp).

O menino deu água para o boi.

62. **Kuzó zi vū jēl zi mō goj nēm mū.**

velha GF MS criança GF POSP água dar ASP

(S. OI. OD. V. Asp).

A velha deu água para a menina.

63. **Jō zi vū ēnh jūgjēn zi mō péhov nēm mū.**

mãe GF. MS 1^op irmã GF POSP abóbora dar ASP

(S. OI. OD. V. Asp).

Minha mãe deu a abóbora para minha irmã.

64. Ēnh jūgjēn zi vū jug mō laglu nēm mū.

1^aps irmã GF MS pai POSP feijão dar ASP

(S. OL. OD. V. Asp).

Minha irmã deu o feijão para meu pai.

65. Ēnh jā nū kuzó zi mō goj nēm mū.

1^a p MS velha GF POSP água dar ASP.

(S. OL. OD. V. Asp).

Eu dei água para a velha.

66. Ahã mā kavālu mō goj nēm mū.

2^aps MS cavalo POSP água dar ASP

(S. OL. OD. V. Asp).

Você deu água para o cavalo.

67. Āg ha nã Āmēdo zi mō péhov nēm mū.

1^app MS n.feminino GF POSP abóbora dar ASP

(S. OL. OD. V. Asp).

Nós demos abóbora para Āmēdo.

68. Āmēdo zi vū Kāggunh mō kul nēm mū.

n.fem. GF MS nome mas. POSP roupa dar ASP

(S. OL. OD. V. Asp).

Āmēdo deu a roupa para o Kāggunh.

69. Zi vū jēi óg mō dén kónā vin mū.

3ª pf MS criança 3ªpp POSP fruta dar ASP

(S. OI. OD. V. Asp).

Ela deu fruta para as crianças.

70. Ēnh já nū jug mō dén kónā nēm mū.

1ª p MS avô POSP fruta dar ASP

(S. OI. OD. V. Asp).

Eu dei fruta para meu avô.

71. Kāggunh te a mō laglu nēm mū ?

n.masc Art 2ªpp POSP feijão dar ASP

(S. OI. OD. V. Asp).

Kāggunh deu o feijão para vocês^{22?}

O Objeto Indireto, porém, pode ser deslocado para a esquerda do Sujeito, sem maiores problemas, porque o OI carrega, como sua marca, uma posposição. Vejam-se os dois exemplos a seguir:

72. Āg mō mā mē kugklū nēm mū.

1ªpp POSP 2ªp MS2ªpp panela dar ASP

(OI. S. OD. V. Asp).

Vocês deram a panela para nós.

²² Se a mesma frase fosse afirmativa, em lugar de interrogativa, seria formulada assim: **Kāggunh te vū a mō laglu nēm mū.**

73. Óg mō ta laglu vin mū.

3^app POSP 3^apm feijão dar ASP

(OI. S. OD. V. Asp)

Ele deu feijão para eles.

Quando o Laklânō insere informação adicional na declarativa bitransitiva, de preferência essa informação será colocada entre os dois objetos. Vejam-se os dois exemplos abaixo.

74. Ēnh já nū jēl mō la ūn tá kul tag nēm mū.

1^aps MS criança POSP Loc-ADV roupa nova dar ASP

(S. OI. Loc-Adv. OD. V. Asp).

Eu dei uma roupa nova pro menino ontem.

75. Zi vū kálū mō la ūn tá kul txi nēm mū

3^apf MS rapaz POSP Loc.ADV roupa velha dar ASP

(S. OI. Loc-Adv. OD. V.Asp)

Ela deu uma roupa velha pro rapaz ontem.

Nas construções interrogativas a ordem preferencial é rigorosamente obedecida. As diferenças com as declarativas são duas:

- 1) As interrogativas começam pela partícula ou locução interrogativa (do tipo “quem”, “quando”, etc.)
- 2) Se a pergunta é sobre um constituinte obrigatório da oração, ele não aparecerá explícito na seqüência porque, se é sobre ele a pergunta, ele é desconhecido.

76. **Ũ nũ ěnh jō²³ kul te nēm mũ ?**
 INDEF Interr. 1^ap POSP roupa Art dar ASP
 (INTERR. OI. OD. V. Asp).
 Quem deu a roupa para mim?
77. **Ũ nũ a mō gal te nēm mũ ?**
 INDIF. Interr. 2^ap POSP milho Art dar ASP
 (INTERR. OI. OD. V. Asp).
 Quem deu o milho para você?
78. **Ũ mō kuzó te gal vim mũ ?**
 INDEF. POSP velho Art. milho dar ASP
 (INTERR. S. OD. V. Asp).
 Para quem o velho deu o milho?
79. **De Kuzó te a mō vin mũ ?**
 INDEF. velho Art. 2^ap POSP dar ASP
 (INTERR. S. OI. V. Asp).
 O quê o velho deu para você?
80. **Hã ló ke ló Kuzó te a mō gal vin mũ ?**
 INDEF velho Art 2^ap POSP milho dar ASP
 (INTERR. S. OI. OD. V. Asp).
 Quando o velho deu o milho para você?
81. **Hã ki Kuzó te a mō gal vin mũ ?**
 INDEF. velho Art. 2^ap POSP milho dar ASP.
 (INTERR. S. OI. OD. V. Asp).
 Onde o velho deu o milho para você?

²³ A forma “jō ” como posposição, corresponde à pronuncia atual da palavra “mō ” (“ para ”) quando usada com pronome da 1^a pessoa “ ěnh ”. Em narrativas que gravei com os idosos há 20 anos atrás observa-se ainda o uso da forma “mō ”: “ ěnh mō ”.

82. Hã li zi a mō gal te tō ken mû ?

como 3ª pf 2ªp POSP milho Art. preparar ASP

(INTERR. S. OI. OD. V. Asp).

Como ela preparou o milho para você?

Um outro tipo de oração interrogativa, a “interrogativa polar” pode ser vista nos dois exemplos abaixo. Como se pode observar, a ordem dos constituintes é idêntica à que seria usada nas orações declarativas correspondentes. Observe:

83. Gal kágkian mǎ mû ?

milho plantar MS 2ª p ASP

(OD. V.S. Asp).

Você vai plantar o milho?

84. Kãggunh te a mō kul nēm mû ?

n.masc Art 2ªpp POSP roupa dar ASP

(S. OI. OD. V. Asp).

Kãggunh deu a roupa para você?

V. 3. *Sentenças Compostas*

Não é pretensão desse trabalho esgotar todas as possibilidades da língua, sobretudo no que se relaciona às sentenças que compõe textos. No entanto, apenas como amostra que sirva ao leitor de estímulo ou de pista sobre o funcionamento dessa língua, damos alguns exemplos de sentenças complexas.

A ordem do período composto em Lakiñõ é **S + OD + V // Cj. S. V** ou **S + OD + V // Cj + S + OD + V**. Geralmente é preservada essa ordem, mas é possível alguma

movimentação. Na oração subordinada há elipse do sujeito e objeto (observe os exemplos numero 91 e 92).

Seguem abaixo alguns exemplos do período composto em Laklãñõ.

85. **Kuzó vū kóggó kū ta ty mū.**

velho MS doente Cj 3ªpm morrer ASP

(S. OD // Cj. S. V. Asp)

O velho ficou doente e ele morreu.

86. **Jēl zi vū kutā kū ē nēga blónh mū.**

menina GF MS cair Cj próprio braço quebrar ASP

(S. V // Cj. OD. V. Asp)

A menina caiu e quebrou seu braço.

87. **Ēnh ji vū tavi kū dén ko mū.**

1ªp filho MS chegar Cj coisa comer ASP

(S. V // Cj. OD. V. Asp)

Meu filho chegou e comeu.

88. **Ēnh plū zi vū gal tydyn kū tō kulam mū.**

1ªp mulher 3ªp MS milho moer Cj MS sopa ASP

(S. OD. V. // Cj. S.V Asp)

Minha mulher socou o milho e fez sopa.

89. **Katxol vū ěnh plag mū kū nū ti lāg mū.**

cachorro MS 1ªp morder ASP Cj MS1ªp 3ªpm surrar ASP

(S. OD. V. Asp // Cj. S. OD. V. Asp)

O cachorro me mordeu e eu bati nele.

90. Ēnh mǎg vŭ kóggó kŭ ty mŭ.

1^ap criação MS doente CJ morrer ASP

(S. V. // Cj. V. Asp).

Minha criação ficou doente e morreu.

91. Ta vŭ goj ki kutá kŭ ki t y mŭ.

3^apm MS água POSP cair CJ ADV morrer ASP

(S. Locativo. V // Cj. ADV. V. Asp)²⁴

Ele caiu na água e morreu afogado.

92. Jô vŭ gal tydyn mŭ, kŭ zi glag mŭ.

mãe MS milho socar ASP Cj GF assar ASP

(S. OD. V. Asp // Cj. S. V. Asp)²⁵

Minha mãe socou o milho e assou.

93. Ēnh ji vŭ dén kónā ko mŭ, kŭ ta kóggó mŭ.

1^ap filho MS fruta comer ASP Cj 3^apm doente ASP

(S. OD. V. Asp // Cj. S. V. Asp)

Meu filho comeu a fruta e ficou doente.

94. Zi vŭ ē nŭgjēn mō gal zégke mŭ, kŭ ta zi mō vin mŭ.

3^apf MS próprio irmão POSP milho pedir ASP Cj 3^apm GF POSP dar ASP

(S. OL. OD. V. Asp // Cj. S. OL. V. Asp)

Ela pediu milho ao seu irmão e ele deu para ela.

²⁴ Nesse caso, na oração subordinada há eclipse do sujeito.

²⁵ Nesse caso, na oração subordinada há eclipse do objeto.

95. Ēnh ji vū katxol te jun mū, kū ta vānhbéju mū.

1^op filho MS cachorro Art soltar ASP Cj 3^opm esconder ASP

(S. OD. V. Asp // Cj. S. V. Asp)

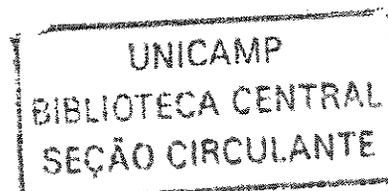
Meu filho soltou o cachorro e ele fugiu.

96. Jug vū ēn kuty ló tē mū, kū ta tá klágnē kójam mū.

pai MS cidade ADV ir ASP Cj 3^opm lá carne comprar ASP

(S. OD.V. Asp // Cj. S. OD. V. Asp)

Meu pai foi a cidade e ele comprou carne.



VI. MARCAS DE SUJEITO

Marcas de sujeito são partículas ou palavras gramaticais que se colocam à direita de um Sintagma Nominal para indicar que aquele SN é o Sujeito da oração. Na língua Laklãnõ não se produz “oração” sem marcador de Sujeito.

As marcas de Sujeito, em Laklãnõ, são **vũ**, **to** e também:

MS 1ª pess. =	nũ
MS 1ª pess. pl. =	nã
MS 2ª pess. =	mã
MS 2ª pess. pl. =	mã (mẽ mã)

Segue-se a descrição do emprego de cada uma delas.

A marca de sujeito “**nũ**” ocorre somente com o pronome da primeira pessoa singular “**ẽnh**” seguida por “**jã**” (**ẽnh já nũ**), ou sozinha, quando o sujeito é movido à direita do sintagma verbal.

A seguir, alguns exemplos:

97. Ẽnh já **nũ** kutã mũ.

1ªp MS1ªp cair ASP

(S. V. Asp).

Eu caí.

98. Ẽnh já **nũ** dén ko mũ.

1ª p MS1ªp algo comer ASP

(S. OD. V. Asp).

Eu comi.

99. Ēnh jā **nū** nūl mū.

1^aps MS1^ap dormir ASP

(S.V. Asp).

Eu dormi.

100. Ēnh jā **nū** dén kónā ko mū.

1^a ps MS1^ap fruta comer ASP

(S. OD. V. Asp).

Eu comi a fruta

101. Dén kónā ko **nū** mū.

fruta comer MS1^ap ASP

(OD. V. S. Asp).

Eu comi a fruta

102. Ti ji vég **nū** mū.

3^apm filho ver MS1^ap ASP

(OD. V. S. Asp)

Eu vi o filho dele.

103. Ēnh jā **nū** zág hōn mū.

1^aps MS1^ap pinheiro derrubar ASP

(S. OD. V.Asp)

Eu derrubei pinheiro.

104. Ēnh jā **nū** ti lāg mū.

1^aps MS1^ap 2^apm bater ASP

(S. OD. V. Asp).

Eu bati nele.

105. Ēnh m̄ag m̄o n̄ũ goj n̄em m̄ũ.

1ªp criação POSP MS1ªp água dar ASP

(OI. S. OD. V. Asp).

Eu dei água para minha criação.

106. Ēnh jã n̄ũ kuzó zi m̄o goj n̄em m̄ũ.

1ª p MS1ªp velha GF POSP água dar ASP.

(S. OI. OD. V. Asp).

Eu dei água para a velha.

107. Ēnh jã n̄ũ jug m̄o dén kónã n̄em m̄ũ.

1ª ps MS1ªp avô POSP fruta dar ASP

(S. OI. OD. V. Asp).

Eu dei frutas para meu avô

108. Ēnh jã n̄ũ n̄ũl bág m̄ũ.

1ªps MS1ªp dormir ADV ASP

(S.V. ADV. Asp).

Eu durmo bastante

109. Ēnh jã n̄ũ la ũn tá tavig m̄ũ.

1ªp MS1ªp Loc.ADV chegar ASP

(S. Loc-Adv.V.Asp.)

Eu cheguei ontem.

110. Ēnh jã n̄ũ tóg hã ki pó m̄ũ.

1ª ps MS1ªp Loc.ADV. nascer ASP

(S. Loc-Adv.V.Asp.)

Eu nasci aqui

111. Ēnh jā **nū** jēl mō la ũn tá kul tag nēm mū.

1^aps MS1^ap criança POSP Loc.ADV roupa nova dar ASP

(S. OI. Loc-Adv. OD. V. Asp).

Eu dei uma roupa nova para menino ontem.

A marca do sujeito “**nā**” ocorre apenas com o sujeito de 1^a pessoa do plural. Pode, inclusive, ocorrer sozinha, dispensando o pronome respectivo, quando o Sujeito é deslocado da primeira posição da oração.

A seguir, alguns exemplos:

112. Āg hā **nā** ló mū mū.

1^a pp. MS1^app ADV ir (pl) ASP

(S. V. Asp).

Nós mesmos fomos lá.

113. A blé **nā** kamū mū.

2^ap POSP MS1^app vir ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Nós viemos junto com você.

114. A blé **nā** han mū.

2^ap POSP MS1^app fazer r ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Nós fizemos junto com você.

115. Ti blé **nā** ló kāmū mū.

3^apm POSP MS1^app ADV vir (pl) ASP

(Adj-Adv. S. ADV. V. Asp).

Nós viemos junto com ele ali.

116. Zi blé nã ló mû mû.
 3^apf POSP MS1^app ADV ir(pl) ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Fomos juntos com ela lá.

117. Óg blé nã kãmû mû.
 3^app POSP MS1^app vir (pl) ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Nós viemos junto com eles

118. Nãli nã ló kãmû mû.
 todos MS1^app ADV vir (pl) ASP

(ADV. S. ADV. V. Asp)

Todos nós viemos aii

119. Jêl óg blé nã ló mû mû.
 criança 3^app POSP MS1^app ADV ir(pl) ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Nós fomos junto com as crianças lá.

120. Pa'i blé nã vê mû.
 cacique POSP MS1^app falar ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Nós falamos com o cacique.

121. Kãggunh te blé nã mû mû.
 n. masc Art POSP MS1^app ir (pl) ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Fomos junto com o Kãggunh.

122. ãmẽdo zi blẽ nã mũ mũ.
n. feminino . GF POSP MS1ªpp ir(pl) ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Fomos juntos com a ãmẽdo embora.

A marca do sujeito “**mã**” ocorre apenas com o pronome da 2ª pessoa. Vejam-se os exemplos:

123. Ahã mã ló tẽ tẽ.
2ª p MS2ªp ADV ir (sg) ASP

(S. ADV. V. Asp).

Você mesmo que vai.

124. Ënh blẽ mã ló tẽ tẽ.
1ªp POSP MS2ªp ADV ir(sg) ASP

(Adj-Adv. S. ADV. V. Asp).

Você vai comigo lá.

125. Ti blẽ mã ló tẽ mũ.
3ªpm POSP MS2ªp ADV ir(sg) ASP

(Adj-Adv. S. ADV. V. Asp).

Você foi com ele lá

126. Zi blẽ mã katẽ mũ.
3ªpf POSP MS2ªp vir (sg) ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Você veio com ela.

127. Óg blé **mã** ló katē mũ.
3^app POSP MS2^ap ADV vir(sg) ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Você veio junto com ele.

128. Kãggunh blé **mã** katē mũ.
n.masc POSP MS2^ap vir (sg) ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Você veio junto com Kãggunh.

129. ãmêdo zi blé **mã** kamũ mũ.
n.feminino GF POSP MS2^ap vir(sg) ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Você veio junto com ãmêdo.

130. Jēl óg blé **mã** katē mũ.
criança 3^app POSP MS2^ap vir (sg) ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Você veio junto com as crianças.

A marca do sujeito “**mã mē**” ocorre somente com o pronome da 2^a pessoa plural. A seguir, alguns exemplos:

131. Ēnh bié **mã mē** kamũ mũ.
1^ap POSP MS2^app vir ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Vocês vieram comigo.

132. Ahã mã mē ló mũ mũ.
2ªp MS2ªpp ADV ir(pl) ASP

(S. ADV. V. Asp).

Vocês mesmos que foram lá.

133. Ti blé mã mē mũ mũ.
3ªpm POSP MS2ªpp ir(pl) ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Vocês foram junto com ele.

134. Óg blé mã mē mũ mũ.
3ªpp POSP MS2ªpp ir(pl) ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Vocês foram junto com eles.

135. Pa' i blé mã mē jul mũ.
cacique POSP MS2ªpp chegar ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Vocês chegaram junto com o cacique.

136. Kãggunh blé mã mē mũ mũ.
n.masc POSP MS2ªpp ir(pl) ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Vocês foram junto com o Kãggunh.

137. ãmêdo zi blé mã mē kamũ mũ.
n.feminino GF POSP MS2ªpp vir(pl) ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Vocês vieram junto com ãmêdo.

138. Ahã **mã mē** Kāggunh blé mũ mũ.
 2^ap MS2^app n. masc POSP ir(pl) ASP

(S. Adj-Adv. V. Asp).

Vocês mesmo foram junto com o Kāggunh.

A marca de Sujeito “**vũ**” aparece com o Sujeito de 2^a e 3^a pessoa e co-ocorre com as seguintes marcas de aspecto: **mũ, já, tē, nō, nē, nōdē** (pl.).

A seguir, alguns exemplos

139. Ahã **vũ** óg blé katē mũ.
 2^ap MS 3^app POSP vir ASP

(S. Adj-Adv. V. Asp).

Você mesmo veio com eles.

140. Mē ahã **vũ** jāgnũl katxin mũ.
 2^app MS dormir ADV ASP

(S. V. ADV. ASP. Asp).

Vocês dormem pouco.

141. Kāggunh **vũ** tē mũ.
 n. masc. MS ir(sg) ASP

(S.V. Asp).

Kāggunh foi embora.

142. Amēdo zi **vũ** tavig mũ.
 n.feminino. GF MS chegar ASP

(S.V. Asp).

Amēdo chegou.

143. Pa' i **vũ** tavig mũ.
 cacique MS chegar ASP

(S.V. Asp).

O cacique chegou.

144. Põn **vũ** nēkóbág plag mũ.
 cobra MS boi morder ASP

(S. OD. V. Asp).

A cobra picou o boi.

145. Ti ji **vũ** ùn tógli pó mũ.
 3ª ps filho MS Loc.ADV nascer ASP

(S. Loc-Adv.V.Asp)

O filho dele nasceu hoje.

146. Zi **vũ** kálũ mō la ùn tá kul txi nēm mũ.
 3ªpf MS rapaz POSP Loc.ADV roupa velha dar ASP

(S. OI. Loc. Adv. OD. V. Asp).

Ela deu uma roupa velha para o rapaz ontem.

147. Ēnh ji **vũ** kujel jã.
 1ªp filho MS fome ASP

(S.V. Asp).

Meu filho está com fome.

148. Ēnh m̄āg katxol v̄ū kujel jā.

1ªp criação cachorro MS fome ASP

(S. V. Asp).

Meu cachorro está com fome.

149. Kāggunh v̄ū mēg tanh jā.

n.masc MS onça matar ASP

(S. OD. V. Asp).

Kāggunh está matando a onça.

150. Pa' i v̄ū óg mō kul vin tē.

chefe MS 3ªpp POSP roupa dar ASP

(S. OI. OD. V. Asp).

O chefe vai dar as roupas para eles.

151. Zug óg v̄ū jul tē.

não-índio 3ªpp MS chegar ASP

(S. V. Asp).

Os brancos irão chegar.

152. Kāggunh te v̄ū tavig tū tē.

n.masc Art MS chegar neg ASP

(S. V. ADV. Asp).

O Kāggunh não chegou.

153. Jēl v̄ū plāl nō.

criança MS chorar ASP

(S. V. Asp).

A criança está chorando.

154. Ēnh ji te vū kóggó jógy nō
 1ªp filho Art MS doente ADV ASP

(S. V. ADV. Asp).

O meu filho está muito doente.

155. Jug vū kléj han nē.
 pai MS pilão fazer ASP

(S. OD. V. Asp).

Meu pai está fazendo pilão.

156. Zi vū gal tydyn nē.
 3ªpf MS milho moer ASP

(S. OD. V. Asp).

Ela está socando milho.

157. Óg vū kul kágzag nōdē.
 1ªpp MS roupa lavar ASP

(S. OD. V. Asp).

Eles estão lavando roupa.

158. Zug óg vū lanhlanh nōdē.
 não-índio 3ªpp MS trabalhar ASP

(S. V. Asp).

Os brancos estão trabalhando.

159. Jēl óg vū klo nōdē.
 criança 3ªpp MS brincar ASP

(S. V. Asp).

As crianças estão brincando.

Acima vimos que as marcas “**nũ**”, “**nã**”, “**mã**” e “**mẽ**” podem comparecer sozinhas na oração, exatamente quando o falante emprega uma ordem distinta, em que o Sujeito deixa de ocupar a primeira posição da oração e passa a uma posição à direita do Sintagma Verbal. Isso é possível, porque cada uma daquelas quatro Marcas de Sujeito só ocorre com uma pessoa gramatical (ex: “**nũ**” só ocorre com 1ª. pessoa do singular). Quando, porém, a transformação da ordem se der em uma oração cujo Sujeito é um pronome de 3ª pessoa, que não possui uma Marca de Sujeito exclusiva, o deslocamento feito é do próprio pronome, dispensando-se então a respectiva Marca de Sujeito.

Vejam-se os exemplos:

160. Ēnh blé óg kamũ mũ.²⁶

1ªp POSP 3ªpp vir ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Eles vieram junto comigo.

161. Ēnh blé óg jul mũ.

1ªp POSP 3ªpp chegar ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Eles chegaram junto comigo.

162. Āg blé óg mũ mũ.

1ªpp POSP 3ªpp ir(pl) ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Eles foram conosco.

163. Āg blé óg lanhlanh mũ.

1ªpp POSP 3ªpp trabalhar ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Eles trabalharam conosco.

²⁶ Compare com a mesma oração construída na ordem “direta”: **Óg vũ ěnh blé kamũ mũ**. Nesta construção a Marca de Sujeito é obrigatória.

164. Ēnh blé ta lanhlanh mū.
1^ap POSP 3^apm trabalhar ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Ele trabalhou comigo.

165. Óg blé zi vū katē mū.
3^app POSP 3^apf MS vir(sg) ASP

(Adj-Adv. S. V. Asp).

Ela veio junto com eles.

166. Ēnh blé zi vū dén ko mū.
1^ap POSP 3^apf MS algo comer ASP

(Adj-Adv. S. OD. V. Asp).

Ela comeu comigo.

A marca do sujeito “tō” ocorre com qualquer pessoa gramatical. O que é relevante é que o “tō” é a marca de sujeito exigida nas orações “descritivas” construídas com a marca de aspecto “vā”. Exemplos

167. Ēnh jā ētxō²⁷ ti lān vā.
1^ap 1^ap + MS 3^apm surrar ASP

(S. OD. V. Asp).

Eu mesmo que surrei ele.

168. Ētxō zi blé tēg ke vā
1^ap + MS 3^apf POSP ir(sg) FUT ASP

(S. OD. V. Asp).

Eu vou embora com ela.

²⁷ “ētxō” é a contração do pronome da 1^a pessoa singular “ēnh” com a marca “tō”. Obedece a um processo comum da língua, pelo qual a presença de uma consoante nasal palatal “nh” imediatamente antes de uma consoante oclusiva dental “t”, provoca o surgimento da africada “tx” “ētxō” [1^ap + MS].

169. **Ētxō** pa'i blé tēg ke vā.
 1^ap + MS chefe POSP ir FUT ASP

(S. Adj-Adv. V. T. Asp).

Eu vou junto com o chefe.

170. **Ētxō** óg blé tēg ke vā.
 1^ap + MS MS 3^app POSP ir(sg) FUT ASP

(S. Adj-adv. V. T. Asp).

Eu irei com eles.

171. **Ēnh** mǎg tō katxol tel vā.
 1^a p criação MS cachorro morrer ASP

(S. OD. V. Asp).

Meu está cachorro morreu²⁸.

172. **Āg** tō óg blé mū ke vā.
 1^app MS MS3^app POSP ir(sg) FUT ASP

(S. Adj-Adv. V. T. Asp)

Nós iremos junto com eles.

173. **Āg** tō laglu kágklan nō vā.
 1^app MS feijão plantar estar ASP

(S. OD. V-V. Asp)²⁹

Nós estamos plantando feijão.

174. **Ahā** tō dén kónā ko jó vā.
 2^ap MS fruta comer PASS ASP

(S. OD. V. Asp)

Você mesmo que comeu a fruta.

²⁸ A frase também pode ser usada para dizer que o animal acabou de morrer.

²⁹ Talvez seja mais correto interpretar como S. OD.V.Asp.Asp.

175. Mē ahā tō laglu kágklél vā.

2^app MS feijão plantar ASP

(S. OD. V. Asp).

Vocês mesmos que plantaram o feijão.

176. Ti tō ē kul zó vā.

3^ap MS próprio roupa lavar ASP

(S. OD. V. Asp).

Ele está lavando sua própria roupa.

177. Zi tō ē mō ē kul zó vā.

3^a pf MS próprio POSP próprio roupa lavar ASP

(S. OI. OD. V. Asp).

Ela está lavando sua própria roupa.

178. Óg tō ē mō ē kul kágzó vā.

3^app MS próprio POSP próprio roupa lavar ASP

(S. OI. OD. V. Asp)?

Eles estão lavando suas roupas.

179. Jēl tō kónhgág nūl vā.

criança MS homem dormir ASP

(S. V. Asp).

O menino dormiu.

180. Jug māg tō katxol tel vā.

pai criação MS cachorro morrer ASP

(S. V. Asp).

Foi cachorro do meu pai que morreu.

181. Kāggunh tō jēl te lān vā.
 n.masc MS criança Art surrar ASP.

(S. V. Asp).

Kāggunh surrou a criança.

182. Klēdo tō ě ji zi ki-āklég ké-ke vā³⁰.
 n.masc MS próprio filho GF lembrar freqüente ASP

(S. OL. V. ADV. Asp).

O Klēdo sente saudade de sua filha.

183. Ti tō zi tel ve kū ki-āklén vā³¹.
 3^apm MS GF morrer ver Cj lembrar Asp

(S. V-V //Cj. V. Asp).

Vendo ela morrer, então ele se lembrou.

³⁰ Dados retirada de narrativa gravada por mim, com senhor Kānnhá Nāmbia em 1984.

³¹ Idem.

VII. MARCAS DE ASPECTO

Em Laklãnõ há um conjunto de marcas de Aspecto, algumas delas derivadas de verbos (como **mũ** e **tẽ**, do verbo “ir”, ou **nẽ**, do verbo “sentar”), que são de presença obrigatória na oração independente, aparecendo sempre na posição final.

Em alguns casos, guardam proximidade com as noções de “perfectum” e “imperfectum”, mas alguns casos devem revelar aspectos relacionados à posição física do sujeito ou objeto da ação expresso no verbo.

As marcas de aspecto em Laklãnõ são:

- mũ** = ação acabada ou completada/ consolidada.
- tẽ** = habitual, (tempo presente, contemporâneo), ação não completada.
- jã** = ação acontecendo (presente), (posição em pé).
- nẽ** = ação acontecendo (posição sentada).
- nõ** = ação presente (posição deitado)
- nõdẽ** (pl.) = não se sabe a posição do sujeito.
- kó** = ação, estado que o sujeito se encontra.
- vã** = ação que irá acontecer.

De acordo com os sentidos das Marcas de Aspecto, apresentados acima, apresentarei exemplos de cada uma delas.

1. MŨ

Assim, em Laklãnõ, a marca de aspecto “**mũ**” é usada em uma ação consolidada, ação acabada, terminada ou realizada.

Alguns exemplos:

184. Ēnh jā nū kutā **mū**.

1^ap MS1^a cair ASP

Fui eu que caí.

185. Ēnh jā nū dén ko **mū**.

1^ap MS1^ap algo comer ASP

Eu já comi.

186. Ēnh jā nū nūl **mū**.

1^ap MS1^ap dormir ASP

Eu durmo ou dormi.

187. Ēnh jā nū tóg a ki pó **mū**.

1^ap MS1^a Loc-ADV nascer ASP

Eu nasci aqui

188. Ēnh jā nū nūl bág **mū**.

1^ap MS1^ap dormir ADV ASP

Eu durmo muito.

189. Ti vэг nū **mū**.

3^a pm ver MS1^ap ASP

Eu estou vendo ele.

190. Kāggunh vū tavig **mū.**

n.msc. MS chegar ASP

O Kāggunh chegou.

191. Dīl vū tē **mū.**

n.masc. MS ir ASP

Dīl já foi embora.

192. Óg vū mū **mū.**

3ª pp MS ir(pl) ASP

Eles já foram.

193. Ahā mā kutā **mū.**

2ª ps MS2ªp cair ASP

Você mesmo caiu

194. Katxol vū kyl **mū.**

cachorro MS latir ASP.

O cachorro latiu.

195. Jēl vū plāl **mū.**

criança MS chorar ASP.

O menino chorou.

196. Kugklũ vũ bláj mũ.

panela MS quebrar ASP.

A panela quebrou.

197. Ēnh jā nũ zág légle hõnhõn mũ.

1ªps MS pinheiro dois derrubar(pl) ASP

Eu derrubei dois pinheiros.

198. Ti ji te vэг nũ mũ.

3ªpm filho Art ver MS1ªps ASP

Eu vi o filho dele.

199. Ēnh lãg ta mũ.

1ª ps bater 3ª pm ASP

Ele me bateu.

200. Ēnh jā nũ dén kónã ko mũ.

1ª ps MS fruta comer ASP

Eu comi a fruta.

201. Ti ji vũ dén kónã ko mũ.

3ª pm filho MS fruta comer ASP

O filho dele comeu a fruta.

202. Dén ko tũg ta mũ.

coisa comer Neg 3ªpm ASP

Ele não quis comer (algo).

203. Kuzó zi vũ jěl zi mō goj nēm mũ.

velha GF MS criança GF POSP água dar ASP

A velha deu água para a menina.

204. Jō zi vũ ěnh jũgĵēn zi mō péhov nēm mũ.

mãe GF MS 1ªp irmã GF POSP abóbora dar ASP

Minha mãe deu a abóbora para minha irmã.

205. Ěnh jũgĵēn zi vũ jug mō laglu nēm mũ.

1ªps irmã GF MS pai POSP feijão dar ASP

Minha irmã deu o feijão para meu pai.

2. TĚ

A marca de aspecto “tĚ” ocorre quando a ação não é realizada, ou seja, é uma que irá acontecer (ou futuro) ou uma ação ainda não completada, que não se encerrou. Também é usada nas formas negativas. O “tĚ” também é usado no tempo presente, como sujeito em movimento (contemporâneo).

206. Ēnh jā nū tē tē
 1^ap MS ir (sg) ASP
 Eu mesmo vou.
207. Ahā mā tē tē.
 2^aps MS ir (sg) ASP
 Você mesmo vai.
208. Ta vū tē tē.
 3^apm MS ir(sg) ASP
 Ele vai.
209. Óg vū mū tē.
 3^app MS ir(pl) ASP
 Eles irão.
210. Kóggūnh kagklan vānh kū nū tē.
 chimarrão beber Neg Cj MS1^ap ASP
 Eu não bebo chimarrão.
211. Amēn tóg vū zógdēg tē.
 estrada este MS feio/ ruim ASP
 Esta estrada é ruim.
212. Kāggunh vū tē tē.
 n.masc MS ir(sg) ASP
 Kāggunh vai embora.

213. Kugklū te vū bláj tū tē.
 panela Art MS quebrar não ASP
 A panela não quebrou.

3. NŌ, NĒ, JĀ

As marcas de aspectos: “nŏ”, “nĕ”, “jā” relacionam-se à descrição do estado ou posição do Sujeito. Seguem-se exemplos de cada uma.

214. Kāggunh te vū kóggó nŏ³².
 n.masc Art MS doente ASP
 Kāggunh está doente.

215. Jug vū nūl nŏ.
 pai MS dormir ASP
 Meu pai está dormindo.

216. Kāggunh vū vānhbigtig nŏ.
 n.masc MS sonhar ASP
 Kāggunh está sonhando.

217. Jug vū kóggó nŏ.
 pai MS doente ASP
 Meu pai está doente.

218. Ēnh jā nū dén ko nĕ.
 1ªp MS algo comer ASP
 Eu estou comendo.

³² Nesta oração o sujeito Kāggunh está doente deitado (acamado)

219. Kāggunh te vū dén ko **nē**.
 n.masc Art MS algo comer ASP
 O Kāggunh está comendo.
220. Kuzó vū nē kū **nē**
 velho MS sentar Cj ASP
 O velho está sentado.
221. Āmēdo zi vū nē kū **nē**.
 n.feminino GF MS sentar Cj ASP
 Āmēdo está sentada
222. Kāggunh vū kóggó **nē**³³.
 n.masc MS doente ASP
 Kāggunh está doente.
223. Kāggunh vū lanhlanh **nē**³⁴.
 n.masc MS trabalhar ASP
 Kāggunh está trabalhando.
224. Āmēdo zi vū kóggó jogy **nē**.
 n.feminino GF MS doente ADV ASP
 A Āmēdo está muito doente.

³³ Nesta oração o sujeito Kāggunh está doente, mas está sentado.

³⁴ Nessa oração, Kāggunh está trabalhando sentado.

225. Kāggunh vū Āmēdo zi blé nē.
 n.masc MS n.feminino GF POSP ASP ?
 Kāggunh está com a Āmēdo.

226. Kāggunh vū mēg tanh jā.
 n.masc MS onça matar ASP
 Kāggunh está matando a onça.

227. Kāggunh te vū kóggó jā³⁵.
 n.masc Art MS doente ASP
 O Kāggunh está doente.

228. Āmēdo zi vū goj kagklag jā.
 n.masc GF MS água beber ASP
 Āmēdo está bebendo água.

229. Kavālu te vū gal ko jā.
 cavalo Art MS milho comer ASP
 O cavalo está comendo milho.

230. Dil vū lanhlanh jā³⁶.
 n.masc MS trabalhar ASP
 Dil está trabalhando.

³⁵ Veja que nessa outra oração; Kāggunh está doente, mas está em pé.

³⁶ Nesta oração o sujeito Dil está trabalhando em pé.

231. Pa'i vū tavi kũ **jã**.
 cacique MS chegar Cj ASP
 Cacique chegou.

232. Katxol vū kóggó **jã**.
 cachorro MS doente ASP
 O cachorro está doente

233. Ti hã vū jan **jã**.
 3^apm MS cantar ASP
 Ele mesmo está cantando

234. Txãggõnh vū kyl **jã**.
 passarinho MS cantar ASP
 O passarinho está cantando

235. Jêl zi vū klo **jã**.
 criança GF MS brincar ASP
 A menina está brincando.

4. NŌDĚ

A marca de aspecto “**nōdĚ**” em Laklãnō é plural/ não se sabe a posição do Sujeito e nem o tempo da ação, podendo ser presente, passado recente ou passado remoto.

236. Óg vū dén ko **nōdĚ**.
 3^app MS coisa comer ASP
 Eles estão comendo.

237. Ēnh m̄āg katxoi v̄ũ kóggó **nōdē**³⁷.

1ªp criação cachorro MS doente ASP

Meus cachorros estão doentes.

238. Zug óg v̄ũ lanhlanh **nōdē**.

não-índio 3ªpp MS trabalhar ASP

Os brancos estão trabalhando.

239. Óg v̄ũ blo **nōdē**.

3ª pp MS tomar banho ASP

Eles estão tomando banho.

240. Óg v̄ũ jan **nōdē**.

3ªpp MS cantar ASP

Eles estão cantando.

241. Ēnh do v̄ũ kabág **nōdē**.

1ªp flecha MS bastante ASP

Minhas flechas são bastante.

5. KÓ

A marca de aspecto “**kó**” ocorre somente com a primeira pessoa em orações afirmativas que parecem compostas por expressões idiomáticas. Nas orações interrogativas, ocorre com a 2ª pessoa. A seguir seguem exemplos de cada uma delas.

³⁷ Observe-se que a informação sobre plural, nessa oração, só está presente na marca de aspecto.

Exemplos das afirmativas:

242. Ēnh pān tei kó .

1ª p pé cansado/ morrer ASP

Eu estou cansado.

243. Ēnh kiē kóggó jógy kó.

1ª p cabeça doente ADV ASP.

Estou com muita dor de cabeça.

244. Ēnh kujel kó.

1ª p fome ASP

Estou com fome.

245. Ēnh kujel jógy kó.

1ª p fome ADV ASP

Eu estou com muita fome.

Veja-se que, em orações com a mesma estrutura e semelhante carga informacional, quando se tem Sujeito de 2ª ou 3ª pessoa, não é aceitável a marca “kó”, mas apenas “jã”.

Exemplos:

246. Ahã mã pān tel jã.

2ª p MS pé cansado/ morrer ASP

Você está cansado.

* Ahã mã pān tel kó.

247. Zi vū klē kóggó jã. * Zi vū klē kóggó kó.
 3ªpf MS cabeça dor/ doente ASP
 Ela está com dor de cabeça

248. Kuzó vū kujel jã. * Kuzó vū kujel kó.
 velho MS fome ASP
 O velho está com fome.

Exemplos das orações interrogativas com a marca de aspecto **kó** :

249. A klē kóggó kó ?
 2ªp cabeça dor/ doente ASP
 Você está com dor de cabeça ?

250. A kujel kó ?
 2ªp fome ASP
 Você está com fome ?

251. A pãn tel kó ?
 2ªp pé morrer ASP
 Você está cansado?

252. A já te kóggó kó ?
 2ªp dente Art dor/ doente ASP
 Você está com dor de dente?

Veja-se, pelos exemplos abaixo, que a oração interrogativa com a 2ª pessoa também pode ser feita usando “jã” em lugar do “kó”, deslocando-se o sujeito para a posição à direita do sintagma verbal (SV). Mas, com 3ª pessoa, somente o “jã” é aceitável, nunca “kó”.

Exemplos:

253. Klē kóggó mǎ **jã** ?³⁸ * Klē kóggó mǎ kó ?
 cabeça doente MS2ªp ASP
 Você está com dor de cabeça?
254. Kujel mǎ **jã** ? * Kujel mǎ kó ?
 fome MS2ªp ASP
 Você está com fome ?
255. Kujel zi **jã** ? * Kujel zi kó ?
 fome GF ASP
 Ela está com fome ?
256. Kuzó te pǎn tel **jã** ? * Kuzó pǎn tel kó ?
 velho 3ªp pé morrer/ cansado ASP
 O velho está cansado?

³⁸ Observa-se, no entanto, que a construção interrogativa com 2ª pessoa usando o “jã” altera o uso pronominal (em lugar de “a”, emprega-se “mǎ”).

A marca “**kó**” também é usada nas orações de 2ª pessoa e 3ª pessoa nas construções com discurso indireto. Nesses casos, aparece uma marca de sujeito específico “**mõ**”.

Exemplos:

257. Kãggunh mõ kéji ti kujel **kó**.

n.masc. MS dizer 3ªpm fome ASP

Kãggunh falou que está com fome.

258. Ēnh ji mõ kéji ti pãn tel **kó**.

1ªp filho MS dizer 3ªpm pé cansado/ morrer ASP

Meu filho falou que está cansado.

259. Āmēdo zi mõ kéji zi kujel **kó**.

n.feminino GF MS dizer 3ªpf fome ASP

Āmēdo falou que está com fome.

6. VĀ

Sobre a marca “**vā**”, a minha hipótese é que nas orações em que ocorre, dá o sentido de um “descritivo”. Emprega-se quando se fala de uma ação ou situação que se está vendo.

Alguns exemplos:

260. Dil tēg jó **vā**.

n.masc ir PAS ASP

É o Dil que foi embora.

261. Kāggunh tēg jó vā
 n.masc ir PAS ASP
 É Kāggunh que foi embora.
262. Āmēdo zi dén ko jó vā.
 n.feminino GF comer PAS ASP
 É Āmēdo que comeu.
263. Jēl óg mū jó vā.
 criança 3^{ap} ir PAS ASP
 É as crianças que foram embora.
264. Kāggunh tavi vā.
 n.masc chegar ASP
 Kāggunh é que está chegando.
265. Dil tēg ke vā.
 n.masc ir (sg) FUT ASP
 Dil vai embora.
266. Kāggunh tēg ke vā.
 n.masc ir FUT ASP
 Kāggunh é que vai embora.
267. Āmēdo zi tēg ke vā.
 n.feminino GF ir FUT ASP
 Āmēdo é que vai embora.

268. Óg jul ke vã.
 3^app chegar FUT ASP
 Eles irão chegar.
269. Ênh ja êtxõ ti lãn vã.
 1^ap 1^ap+MS 3^apm surrar ASP
 Eu mesmo que surrei ele.
270. Êtxõ ti blé tēg ke vã.
 1^ap+MS 3^apm POSP ir FUT ASP
 Eu vou POSP com ele.
271. Êtxõ zi blé tēg ke vã.
 1^ap+MS 3^apf POSP ir FUT ASP
 Eu vou embora com ela
272. Êtxõ óg blé tēg ke vã.
 1^ap+MS 3^app POSP ir FUT ASP
 Eu irei junto com eles
273. Ênh mǎg tō katxol te tel vã.
 1^ap criação MS cachorro Art morrer ASP
 Meu cachorro morreu.
274. ãg tō óg blé mũ ke vã.
 1^app MS 3^app POSP ir(pl) FUT ASP
 Nós iremos junto com ele.

275. Jēl tō kónhgág nūl vā.
 criança MS homem dormir ASP
 O menino dormiu.

276. Jug mǎg tō katxoi tel vā.
 pai criação MS cachorro morrer ASP
 Foi cachorro do meu pai que morreu.

277. Kāggunh tō jēl te lān vā.
 n.masc MS criança Art surrar ASP.
 Foi Kāggunh que surrou a criança.

O leitor deve ter observado, nos dados acima, que além da marca aspectual, que considero um dos elementos essenciais na sintaxe da língua Laklãõ, existem termos para indicar o tempo verbal.

O tempo passado, na língua Laklãõ, é expresso por uma partícula “jô”. Observe os exemplos números 41, 260, 261, 262 e 263. O tempo futuro é indicado pela partícula “ke”. Observe os exemplo: 168, 169, 170, 172, 265, 266, 267, 268, 270, 271, 272 e 274. A categoria tempo é marcada na posição à direita do SV e imediatamente antes da marca de aspecto.

Para os fatos que ocorrem no tempo presente, não constatamos uma partícula própria para indicar o mesmo, mas foi constatado que na própria marca aspectual se indica esse tempo. Observe os exemplos dos números: 22, 23, 34, 157, 158, 159, 171, 173, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 228, 229, 230, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240.

VIII. CONCLUSÃO

Este trabalho não teve grandes pretensões teóricas, mas objetivou trazer à luz uma apresentação de uma língua pouco estudada. Como se trata de uma língua Jê, essa apresentação poderá ser muito útil para o conhecimento de pesquisadores que trabalham com outras línguas dessa família.

Busquei apresentar, com exemplos simples, mas variados e numerosos, um panorama fundamental ou básico da estrutura sintática dessa língua. Com respeito a um dos interesses do estudo, de verificar se a influência do Português estaria provocando algum tipo de mudança perceptível na sintaxe da língua, creio que os dados apresentados mostram que isso não está acontecendo.

Espero, que esse trabalho possa contribuir para despertar maior interesse sobre a importância das línguas indígenas brasileiras, para o fortalecimento da língua do meu povo e também que esta Dissertação seja uma ferramenta de trabalho para os professores Laklãnõ.

IX. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Francisco da Silva, 1932 – **Introdução aos estudos Lingüísticos**. (12ª ed.). Campinas, SP: Pontes, 1998.

BUBLITZ, T. **Análise Fonológica Preliminar da Língua Xokleng**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília: 1994.

CRYSTAL, David, 1947 . **Dicionário de Lingüística e Fonética**. [tradução e adaptação da 2ª ed. inglesa, publicada em 1985]. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

CUNHA, Maria Albertina & Alice Azevedo Altgott. **Para compreender Mattoso Câmara**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Kaingang: Questões de Língua e Identidade*. Campinas: IEL-UNICAMP. **LIAMES**, n. 2 , p. 105-128, Primavera 2002.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Concordância verbal de número em Kaingang: algumas pistas*. Campinas: IEL-UNICAMP. **LIAMES**, n. 4 , p. 71-81, Primavera 2004.

FIAMONCINI, Andenice. **A Realidade do Povo Xokleng da Terra Indígena Laklânõ, Município de José Boiteux, Sob o Olhar do Profissional de Serviço social**. Monografia de Graduação. Universidade Regional de Blumenau / FURB. Blumenau: 2001.

FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução a Lingüística II**. Princípios de Análise. São Paulo:Contexto, 2003.

GAKRAN, Nanblá & BUBLITZ, Terezinha. **Ãg Vê Te Káglël Mû (Nosso Idioma Reviveu)**. Pomerode, SC: Imprensa Mayer Ltda, 1997.

GAKRAN, Nanblá. **Educação Escolar na comunidade Xokleng**. Monografia de Graduação (TCC). Itajaí, 2000.

GARMADI, Juliette. **Introdução à Sociolingüística**. Publicações Dom Quixote. Lisboa, 1983.

- HANKE, Wanda. *Los Índios Botocudos de Santa Catarina, Brasil*. **Arquivos do Museu Paranaense**. Curitiba. Vol VI, 1947.
- HENRY, Jules. *A Kaingang Text*. **Internacional Journal of American Linguistics**, Vol. VIII. New York, Ag. 1935 n° 3-4.
- MAGALHÃES, Almicar A. Botelho. *O Problema da Civilização dos Índios no Brasil*. **América Indígena**. Vol. IV. México, D.F. 1944.
- MATTOSO CÂMARA Jr, Joaquim. **Dicionário de Lingüística e Gramática: Referente à língua Portuguesa**. (13ª ed.) Petrópolis: Vozes, 1986.
- MATTOSO CÂMARA Jr, J. **Estrutura da Língua Portuguesa**. (8ª ed.) Petrópolis: Vozes, 1977.
- MATTOSO CÂMARA Jr, J. **Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras**. (3ª ed.) Rio de Janeiro, 1979.
- MATTOSO CÂMARA Jr, J. **Princípios de Lingüística Geral**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1954.
- MÜLLER, Sálvio. **Opressão e Depredação**. Blumenau: Editora FURB, 1987.
- MUSSALIN, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. Vol. I. São Paulo: Cortez, 2003.
- RIBEIRO, Darcy. **Os brasileiros: teoria do Brasil**. (4ªed.) Petrópolis: Vozes, 1978.
- RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. (2.ed.) Petrópolis: Vozes, 1977.
- RODRIGUES, Aryon D. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Ed. Loyola, 1986.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Índios e Brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng**. Florianópolis: Ed. Edeme, 1973.

- SANTOS, Sílvio Coelho dos. **O homem índio sobrevivente do Sul: antropologia visual**. Florianópolis: Ed. Garatuja, 1979.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Os índios Xokleng: memória visual**. Florianópolis: Ed. da UFSC Itajaí: Ed. da UNIVALI, 1997.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Povos Indígenas e a Constituição**. Florianópolis: Ed. da UFSC/Movimento, 1989.
- SCHADEN, F. S. G. Xokleng e Kaingang (notas para um estudo comparativo). **Revista de Antropologia**. São Paulo: FFLCH-USP, 1953.
- SILVA, Simões. **A Tribo Caingang (Índios Bugres-Botocudos)**. Rio de Janeiro, 1930.
- SILVA, Thais Cristófaru. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. (6ª ed.). São Paulo: Contexto, 2002.
- URBAN, Greg. *Ergativity and Accusativity in Shokleng (Gê)*. **International Journal of American Linguistics**, 1985, v. 51, n. 2, p. 164-187.
- URBAN, Greg. *The Semiotics fo two Speech Styles in Shokleng*. In Elizabeth Mertz and Richard J. Permentier (Eds.), **Semiotic Mediation: Sociocultural and Psychological Perspectives**. New York: Academic Press, 1985.
- VANOYE, Francis. **Usos da Linguagem: problemas e técnica na produção oral e escrita**. (7ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- WIESEMANN, Ursula. *Os Dialectos da Língua Kaingang e o Xokleng*. **Arquivo de Anatomia e Antropologia**. Instituto de Antropologia Professor Souza Marques, Vol. III – Ano III. Rio de Janeiro: Editora Souza Marques, 1978.
- WIESEMANN, Ursula & MATTOS, Rinaldo de. **Metodologia de Análise Gramatical**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- WIIK, Flavio Braune. *O Evangelho Transformado: Apropriações Xokleng (Jê) do Cristianismo Pentecostal*. In Robin Wright (org.). **Transformando os deuses – vol. II: Igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004, p. 141-168.

A N E X O S

ANEXO 01

Estrutura do sintagma

Cachorro magro	
Cachorro velho	
Peixe grande	Peixe pequeno
Palmeira alta	Palmeira baixa
Palmeira nova	
Cesta velha	
O cachorro do menino	
A cesta da minha mulher	
O cachorro preto do menino	
Cabelo preto	
Cabelo branco	
Milho amarelo	
Milho vermelho	
Cachorro branco	
O cabelo branco do velho	
O avô da menina	
A avó da menina	
Folha seca	
A folha verde da palmeira	
A flor da abóbora	
O broto da abóbora	
Espiga de milho verde	
Espiga seca de milho	
Madeira verde	
Lenha seca	Cuia nova
Lenha comprida	Cuia velha
Perna curta	Cuia cheia
Quati velho	Cuia vazia
Toca grande	
Toca de tatu	
Toca grande de tatu	
Toca comprida	

Orações (intransitivas, transitivas diretas, transitivas diretas e indiretas,...) ³⁹.

O cachorro latiu
 O menino chorou
 A criança caiu da cama
 O meu boi fugiu
 A panela quebrou
 O papagaio voou
 Ontem o cachorro dele morreu
 Meu filho veio ontem de Blumenau.
 Meu filho vai hoje para José Boiteux.
 Meu avô já morreu.
 O gato ficou doente.
 O filho dele nasceu hoje.
 Está chovendo.
 Choveu hoje cedo.
 Amanhã vai chover .
 Ontem não choveu.
 A mulher está de pé.
 O velho está sentado.
 Ele está cansado.
 O cachorro está correndo.
 A criança está deitada;
 Ela está dormindo.
 Ele está triste;
 A lua está cheia;
 Eu estou com fome;
 Eu estou com sede;
 Entre!
 Sente-se!
 Coma!
 A mulher dele quebrou a panela;
 O homem derrubou a palmeira;
 Meu pai construiu uma casa nova;
 Meu irmão cortou lenha;
 Meu irmão se cortou;
 Meu pai fez um pilão;
 O menino cortou o pé;
 Meu filho comeu a fruta;
 Minha filha comeu o milho;
 Ele não come carne de boi;
 Meu filho soltou a vaca;

³⁹ Ordem dos constituintes na oração ; Encaixamento: construções com relativas ; Coordenação e Subordinação.

A cobra picou o boi.
 O cachorro mordeu o menino;
 O cachorro me mordeu;
 O menino mordeu a menina;
 Eu morde a goiaba;
 A vaca se soltou;
 Minha mulher socou o milho.
 Eu comi o milho socado.
 Minha casa é pequena.
 A tua casa é grande.
 A casa pequena está vazia.
 A casa grande está velha.
 Esta estrada está ruim.
 Aquela estrada está boa.
 A estrada boa fica longe.
 A casa dele fica perto.
 O porco pequeno está magro.
 Minha enxada é grande.
 Minha cuia está velha.
 Minha cuia está nova.
 Minha cuia está vasilha.
 Minha cuia velha está cheia.
 Eu enchi minha cuia velha.
 A cesta velha está cheia de roupas.
 A cesta nova está vazia.
 A cesta velha está encima da cama.
 A cesta nova está embaixo da mesa.
 A enxada pequena é dele.
 O velho de cabelo branco é meu avô.
 O filho do cacique é moço.
 Vājāky 1 não é filho do cacique.
 Ele _____ 1 é filho de _____ 1'
 _____ 2 tem _____ filhos
 _____ 2 é pai de _____ 2'
 Eu matei um quati gordo.
 Meu irmão matou um porco grande.
 Minha mulher viu um bugio na roça.
 Minha filha viu um tatu no mato.
 Eu vi o menino soltar a vaca.
 Eu vi o cachorro fugindo.
 Eu vi a mulher pilando o milho.
 Eu tirei a casca da batata.
 Minha mulher assou o peixe.
 Eu fiz uma casa nova.
 O rapaz fez uma roça grande.
 O cacique falou muito.

Nós falamos poucos.
 Meu pai deu o pilão para mim.
 A mulher deu a panela para mim.
 A mulher deu o balaio para o pai dela.
 A mulher do meu irmão deu o pão para mim.
 Eu dei o pão para o meu filho.
 Eu tirei a casca da batata para minha filha.
 Minha mulher assou o peixe para mim.
 Eu fiz uma casa nova para meu avô.
 O rapaz fez uma roça grande para o sogro dele.
 O cacique falou muito para nós.
 Nós falamos pouco para o cacique.
 Ele falou para nós fazermos roça.
 Meu avô me pediu para plantar feijão.
 Minha mulher me pediu para plantar milho.

Orações coordenadas e subordinadas:

O velho ficou doente e morreu.
 O menino cortou o pé e chorou.
 A árvore secou e caiu.
 Nós plantamos o milho e voltamos para casa.
 A mulher soca o milho e depois faz o pão.
 Ele veio tarde porque choveu muito.
 A mulher soca o milho para fazer o pão.

Negação

A panela não quebrou
 Meu avô não morreu
 O filho dele ainda não nasceu
 Hoje cedo não choveu
 A criança não está dormindo
 Amanhã não vai chover
 Meu filho não está cansado
 Hoje não é lua cheia
 Não choveu hoje cedo
 Agora não está chovendo
 Eu não estou com fome
 Meu irmão não se cortou
 O cachorro não me mordeu
 Meu filho não comeu a fruta

Minha casa não é pequena
A tua casa não é pequena
A estrada boa não fica longe
Não coma!
Não entre!
Não sente!
Minha irmã tem dois filhos.
Eu não tenho filho.
Você tem filho?
Ele tem cachorro
Eu não tenho cachorro
Você tem cachorro?
Ele tem roça grande
Eu não tenho roça
Eu tenho panela de barro
Ele não tem panela de barro

Interrogativa:

Você nasceu aqui?
Teu pai está em casa?
Você viu o cacique hoje?
Você já foi ao São Paulo?
Ela é sua filha?
O chefe é casado?
Vai chover amanhã?
Quem veio aqui ontem?
Quem é a mulher do seu filho?
Quando você foi para Ibirama?
Quando seu filho nasceu?
Onde mora seu irmão?
Aonde você vai indo?
De onde você está vindo?
De onde veio o seu pai?
Como é o seu nome?
Como você vai para a cidade?
Como você faz o cesto?
Como o cachorro morreu?
Com quem que você vai para cidade?
Com quem sua filha se casou?
Por que a mulher dele foi para Ibirama?
Por que ele vendeu a vaca?
Com qual cavalo ele viajou?
Com qual panela ele cozinhou o peixe?

O que foi que ele fez?
 O que ele comprou na cidade?
 O que ele trouxe de Ibirama?
 Para que se usa o pilão?
 Para que o menino vai à escola?
 De onde você veio?

Subordinadas e Coordenadas:

O porco pequeno come muito, mas está magro.
 Ela pediu ao irmão para plantar a roça
 Ela **não pediu** ao irmão para plantar a roça
 O boi morreu porque a cobra picou ele
 Ela pediu ao irmão para **não plantar** a roça
 Meu filho soltou a vaca e o cachorro
 O cachorro me mordeu e eu bati nele
 Meu filho comeu a fruta e ficou doente
 A menina socou o milho e depois fez o pão
 Eu fiquei triste porque meu avô morreu
 Meu pai foi na cidade para comprar carne
 Minha mãe ficou triste quando meu avô morreu
 O meu sobrinho escreveu a carta para mim

Relativas:

O homem que eu vi ontem quebrou o braço
 A criança que nasceu ontem é filho do meu irmão
 A moça que vai casar é minha irmã
 Hoje eu plantei a roça que eu queimei ontem
 Eu vendi o milho que eu colhi ontem
 Eu vi o cachorro que mordeu você
 Eu vi você bater no cachorro
 Eu vi você bater no cachorro que te mordeu
 Minha filha perdeu o dinheiro que eu dei pra ela
 Eu perdi o cesto que você fez para mim
 Eu perdi a fotografia que você trouxe para mim
 O cesto que você fez para mim está atrás da casa
 A panela que você trouxe caiu e quebrou
 O rádio que você me deu não funciona
 O velho que você viu foi pra roça

A mulher que você viu foi pra cidade
 O menino que você viu foi pescar
 O cachorro que você viu está doente
 O boi que você viu é do meu pai
 O gato que você viu, morreu.
 O cesto que você viu está estragado.
 A casa que você viu é minha
 A panela que você viu está suja
 Você viu o velho que foi pescar
 Você viu a mulher que foi pra roça
 Você viu o menino que está doente
 Você viu o cachorro que morreu
 Você viu a casa do meu pai
 Você viu a panela que está estragada
 Você viu o cesto que está sujo
 Você viu o boi que é meu

Paradigmas verbais:

Eu dormi bem
 Ele dormiu bem
 Você dormiu bem
 Nós todos dormimos bem (1ºp.pl. inclus)
 Nós dormimos bem (1ºp.pl. exclusivo)
 Eles dormiram bem
 Vocês dormiram bem
 Eu chorei
 Você chorou
 Ele chorou
 Nós todos (incl) choramos
 Nós (excl) choramos
 Eles choraram
 Vocês choraram
 Eu cortei lenha hoje
 Você cortou lenha hoje
 Nós (ambos) cortamos lenha hoje
 Ele cortou lenha ontem
 Só nós (exclus) cortamos lenha hoje
 Vocês cortaram lenha ontem
 Eles cortaram lenha ontem
 Eu ouvi o trovão
 Você também ouviu o trovão
 Nós (ambos) ouvimos o trovão
 Ele não ouviu o trovão
 Nós (excl) também ouvimos o trovão

Vocês ouviram o trovão
Eles ouviram o trovão
Eu dei o milho para você
Eu dei o milho para a criança
Você deu o milho para a criança
Você deu o milho para mim
Nós demos o feijão para você
Nós demos a melancia para ele
Você deu o cesto para nós
Você deu a flecha para mim
Eu dei o pão para vocês
Nós demos o papel para vocês
Vocês deram o fumo para nós
Vocês deram água para mim
Vocês deram carne para ele
Eu dei o peixe para eles
Eles deram fruta para mim
Eles deram carne para nós
Eles deram o cesto para vocês

ANEXO 02

ESTRUTURA DA ORAÇÃO INDEPENDENTE EM LAKLANÔ AFIRMATIVAS

Intransitiva

Meu cachorro morreu.
O velho chegou.

Intransitiva Expandida

Meu cachorro morreu ontem.
O velho chegou de Ibirama muito cansado.
Já vai chover.

Transitiva Direta

Eu comi a fruta.
Eu vi o filho dele.
O filho dele comeu a fruta.
Eu bati nele.
Ele me bateu.

Transitiva Direta Expandida

Eu já comi a fruta.
Eu vi o filho dele chegar.
Eu vi a fruta com casca.
Eu bati nele a gora há pouco.
Ele quase me bateu.

Transitiva Direta e Indireta

Eu dei água para a criação cavalo.
Minha filha deu a abóbora para mim.
Minha filha deu a abóbora assada para mim.
Meu filho deu água para mim.
Eu dei abóbora para a criação.
Ele quase me bateu.

Transitiva Direta e Indireta Expandida

Eu dei água para a criação do meu filho.

NEGATIVAS

Intransitiva

Meu cachorro não morreu.
O velho não chegou.
A menina não dormiu.

Intransitiva Expandida

O menino não dormiu hoje.
O velho não chegou cansado.
A menina não dormiu ainda.

Transitiva Direta

Eu não comi a fruta.
Eu não vi o filho dele.
O filho dele não me bateu.
Eu não bati nele.

Transitiva Direta Expandida

Eu não comi a fruta verde.
Eu não vi o filho dele chegar.
O filho dele não me bateu na casa dele.
Eu não bati nele com o pau.

Transitiva Direta e Indireta

Eu não dei água para a criação o cavalo.
 Minha filha deu a abóbora para mim.
 Meu filho deu água para mim.
 Eu dei abóbora para a criação.
 Ele ainda não me bateu.

Transitiva Direta e Indireta Expandida

Meu filho não deu água para a minha criação.
 Minha filha não deu a abóbora assada para mim.
 Meu filho ainda não me deu a água fria.
 Eu não dei abóbora para a criação doente.

FOCO**Intransitiva**

Foi o cachorro do meu pai que morreu.
 Foi o meu pai que chegou cansado de Ibirama.

Transitiva Direta

Foi minha filha que comeu o milho.
 Fui eu que vi o filho dele chegar.
 Foi o filho dele que bateu no menino.
 Não fui eu que bati nele, foi ele que me bateu.

Transitiva Direta e Indireta

Fui eu que dei milho para a criação.
 Quem me deu a abóbora foi minha filha.
 Foi o teu filho que deu água para mim.
 Fui eu que fiz aquela roça.
 Foi meu pai que quase bateu no 'branco'.

PRODUZIR INTRANSITIVAS COM OS SEGUINTE VERBOS

Ouvir	Falar
Machucar-se	Machucar (outra pessoa)
Dormir	Fazer dormir
Chorar	Fazer chorar
Ficar doente (adoecer)	Curar
Nascer (pessoa ou animal)	
Morrer (pessoa ou animal)	Matar
Ter fome	Comer
Ter sede	Beber
Escorregar	Empurrar
Derrubar (objeto)	Derrubar (alguém)
Cair	Fazer cair

BUSCANDO UM CERTO PARADIGMA DE MARCADORES ASPECTUAIS

O rapaz olhou para os dois lados da rua.
 O rapaz olhou o mato de cima de um pinheiro.
 O meu pai vai à pé para a cidade.
 A minha mãe costura minhas roupas.
 Meu avô está muito doente.
 Meu pai andou o dia inteiro na cidade.
 Meu tio ficou uma hora na fila do banco.
 Minha mãe passou o dia inteiro costurando.
 Meu avô passa o dia todo na cama.
 Minha irmã não sabe costurar.
 Meu irmão vai de ônibus para a cidade.
 O menino foi pegar a flecha em cima da casa.
 O papagaio está parado no galho do pinheiro.

ANEXO 3

1. Kaggunh está preso, mas foi Vãnhpõ o culpado.
2. Eu perdi minha faca.
3. Eu comprei uma faca nova.
4. Eu queimei a roça.
5. Foi Dil que fez a roça, mas Kaggunh que recebeu o dinheiro.
6. Eu não perdi minha faca.
7. Estou comprando um cavalo novo.
8. Vou queimar a roça amanhã.
9. Kaggunh veio aqui, mas foi Voble que ajudou na roça.
10. Eu perdi a faca do Dil.
11. Eu vou comprar um cavalo.
12. Estou queimando a roça.

ANEXO 04

MITO LAKLÁNŌ

Mōg klā “Klēdo” tō ban kābel. (A filha de abelha que “Klēdo” pegou)

Autor: Kānhāhá Namblá

Transcrito por: Nanblá Gakran

Vātxy te ka, **Klēdo** tō mōg ve klā ban zi, **ti** la jā.

Tō zi, **ti** klā, **ti** la jā ké ke mū.

Ētō kó le mū hā ta te kū **óg zi** blé mū ké ke mū.

Óg tō mōg ve ha ta te **kū zi**, to katē kū, pégjēn nō ké ke mū.

Ē tō ū tá ti txy kyl **tō** āg to tē jāg mā jé **zi** jógzēn gég ke vā.

Pépjēn nō **kū zi**, ē nēgglāg te **tō**, pépjēn zig ge nō ké ke mū.

Ē tō ti txy kyl **tō** āg to va te jāg mā hā te **kū zi** :

___ Jug tóg tá ti txy kyl **vū** āg to va tē jā. Kū mā tóg ló péta! ___ kég ke **zi** mū.

Jāgló **ta** kagkó mō, **zi tō** ěmō nētón te kagkó mō, tōplén kū pézyn gég ke mū.

Kū **ta tō** péty jā jā, **ětō** pézyn kan hā te kū **óg**, ban kū mū ké ke mū.

Kég ke jā **ti tō** mōg ve klā ban te **zi** ty mū.

Ētō mōg ve klā ban **zi** tel te ve kū **ta**, ki āklég gég ke kū, vānhēvitūg gég ke mū.

Zi tō ěmō vē, **ětō** mē tēn tūg gég ke jó, **ti tō** ki āklég gég ke vā.

Zi tō ěmō mōg te to:

___ Jug tóg ló péta!

Jāgló **ětō** kagkó mō, pézyn gég ke jó **ti tō** ki āklég geg vā.

Tóg ké **zi** tel te ve kū **ti tō**, **zi tō** ěmō vē, **ětō** mē tēn tūg ge jó ki āklég gé ke vā.

Jāgló **zi** tel **óg tō**, gó ka **zi** jó te to déntxy tóg ge te to kabág nōdē.

Ētō ve te **kū ta** to katē mū; to katē **kū ta**, déntxy tóg ge te ban kū **tō** kó te ki pénūg gég ke kánātē mū.

Déntxy te **tō** kó te ki pénū kū **ta**:

___ Vātxō mā tóg gen kū, kó tóg ki nē ve, ___ kég ke mū.

Ūn pā ū ban **kū ta**, vel **tō** kó ū ki tō bog ke kū:

___ Vātxō mā tóg gen kū kó tóg ki nē ve, ___ ke kánātē kég ke mū.

Mē ta déntxy te **tō**, kó te mē pin kánātē jā, mē li **tō** ken kan dē mū.

Kū ti tō déntxy ū to vanh mū ha vā, **tō** jāggwé txy kutxug like gó te to nōdē ké ke mū.

Kū ta ētō déntxy **tō** kó mē pin kan te kū un ke mū.

Kū mōg tóg te **tō**, kó te mē tēg kég ke vā.

Jāgló ta zobág te ka, vātxỹ te ka vū, mōg tóg te vū txó blé gó tóg mē tē ké ke mū.

Ha kū **Klēdo tō** mōg ve klā ban te **zi tō**, **ētō** ti blé āgklēg tēg ké ke kū, **ti tō** ū ve hā ta te kū, pégjēn nō kū ti txy kyl te **tō** ūn tá āg to ha tē jā te ti mō tu ké ke vā.

Ha ta, **zi** mō zāmā vanh kū tē ké ke mū.

Ha kū **ti tō**, **zi** tel te ve kū ki āklén jōggyn vā.

Tóg ge, Klēdo **tō** mōg ve klā ban te **zi** kābel te vū tē ké ke mū.

A HISTÓRIA DA FILHA DE ABELHA QUE KLËNDO O ADOTOU
AUTOR: KĀNNHĀHĀ NANBLA
TRADUTOR: NANBLÁ GAKRAN

No passado Klêndo tinha contato com espírito de abelha e um dia ele adotou uma filha dela, para tê-la como sua filha. E ela ficou como filha legítima dele. Quando eles iam caçar e procurar abelheira, ela sempre os acompanhava. Quando eles achavam abelheira, ela vinha e deitava ao redor do olho da abelheira para escutar o barulho das abelhas e assim descobrir pra que lado é mais fácil de furar. Ao deitar ao redor do olho da abelheira, ela botava seus ouvidos por todos os lados. E quando descobria o lado mais fácil, ela chamava seu pai dizendo:

____ Pai por este lado é mais fácil de furar, porque dá de ouvir bem o barulho das abelhas. Você pode furar por este lado! ela dizia. Mas seu pai nunca deu importância o lugar que a filha indicava e sempre furava no lugar onde ele mesmo escolhia. Quando terminava de furar, tirava todo mel e levava embora, e assim, ele nunca obedeceu ao que a filha falava.

Certo dia, a filha que ele adotou da abelha, adoeceu e morreu. Ao ver que sua filha morreu, ele se arrependeu muito por nunca ter obedecido ela. Ficou muito desesperado e não sabia mais o que fazer por nunca ter obedecido as palavras dela. Ela sempre lhe dizia:

____ Pai fure por este lado! Mas ele nunca quis obedecê-la, sempre fez o que bem entendia. Ao ver a filha morrer, lembrou-se de todos os pedidos que ela fazia à ele, mas sempre tinha se recusado, isso o entristeceu profundamente sua alma e não sabia mais o que fazer.

Enquanto isso no lugar onde ela foi enterrada, tinha muitas abelhas pousadas e outras voando. Ao ver que tinha muitas abelhas pousadas, ele veio até ali; chegando ali, pegava um punhado de abelha e atirava contra as árvores. Quando atirava elas contra as árvores, ele falava dizendo:

____ A partir de hoje vocês há de morar nesta árvore. Assim pegava outro punhado de abelha e atirava contra uma outra árvore e falava as mesmas palavras dizendo:

____ A partir de hoje vocês irão morar aqui; desta forma Klêndo andava falando por ali. Assim, Klêndo parou de jogar as abelhas contra as árvores e determinou pra que elas morasse ali. E as abelhas que ele deixou para trás, hoje são conhecidas como vespa preta que posam num

buraco quaisquer de terra. Quando parou de jogar as abelhas contra as árvores, então ele parou e foi embora.

Por isso, hoje existem essas abelheira nas árvores. No passado, as abelheiras era somente encontrada nas grutas das pedras e nos buracos da terra. Por isso, a filha adotiva do Klêndo, quando ia caçar abelheira junto e quando ele achava um, ela se deitava ao redor do buraco e botava seu ouvido para escutar o barulho das abelhas e assim achar o lado mais fácil de furar, mas seu pai nunca havia obedecido seu pedido. Quando ela morreu, seu pai se sentiu muito culpado por nunca ter atendido o pedido da filha.

E assim termina a história do Klêndo que adotou a filha de abelha para tê-la como sua filha.

